

Guia Prático do OVINOCULTOR



Mais
Ovinos

Programa de Desenvolvimento da
Ovinocultura Gaúcha

Secretaria da Agricultura,
Pecuária e Agronegócio



Retomada da Ovinocultura

Este Guia Prático do Ovinocultor, produzido pela Câmara Setorial de Ovinocultura da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio- SEAPA e Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos – A.R.C.O., oferece aos ovinocultores gaúchos uma ferramenta para auxiliar no correto manejo da criação e contribuir neste momento de retomada da ovinocultura gaúcha.

Surge no momento em que, depois de muitos anos, a ovinocultura volta a crescer. Não temos, hoje, os 13 milhões de ovinos que tínhamos no passado. Mas, já saímos dos pouco mais de 3,5 milhões de 2011 para quatro milhões de cabeças. A carne vive momento de valorização e a lã, de recuperação dos seus preços.

A reativação da Câmara Setorial, sob a coordenação do Governo do Estado, serviu para envolver todos os segmentos da cadeia produtiva na análise dos problemas, discussão das soluções e elaboração de ações que apontem para o desenvolvimento da ovinocultura no Rio Grande do Sul.

Foi a partir deste debate que se decidiu a retomada do Fundo de Desenvolvimento da Ovinocultura - FUNDOVINOS, fundo criado para centralizar recursos financiadores das políticas de fomento, e que já destinou mais de R\$ 2 milhões para projetos que perseguem este objetivo.

Também, da mesma forma, se criou o programa Mais Ovinos no Campo, que proporcionou a aquisição ou retenção de aproximadamente 350 mil ovinos por aproximadamente 2.500 produtores, que estão investindo, com o apoio da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, mais de R\$ 57 milhões na ovinocultura.

A união do Governo do Estado com entidades de classe representativas dos produtores, órgãos de pesquisa e iniciativa privada tem resultado em ações consistentes para a qualificação cada vez maior da ovinocultura gaúcha.

A ovinocultura, na maioria dos casos, mais do que uma atividade econômica, é uma paixão enraizada na cultura de milhares de produtores que se dedicam no dia-à-dia a trabalhar com ovelhas em nosso Estado.

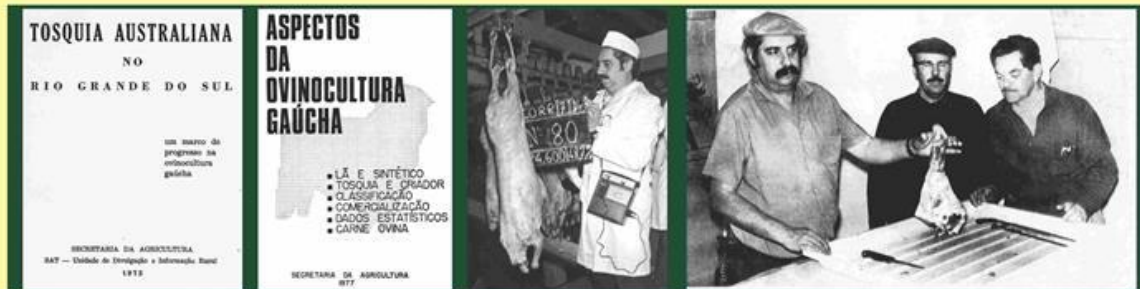
Muitos são aqueles que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento do setor. Neste trabalho, a Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio quer reconhecer o papel desempenhado pelos técnicos que levam aos produtores novos conhecimentos, atuando para melhorar a produtividade e aumentar a produção.

Por isso, fomos buscar na História da própria secretaria o nome do Engenheiro Agrônomo João Carlos Paixão Côrtes, profissional formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que atuou como Ovinotecnista da Secretaria da Agricultura, além de ser, também, Classificador Oficial de Lãs e emprestando seus conhecimentos para a tipificação de carcaças, cortes e desossa ovina.

Foi, ainda, divulgador da Tosquia Australiana e da gastronomia da carne de cordeiro.

Em nome de Paixão Côrtes a nossa homenagem a todos que, de uma ou outra forma, se empenharam para fazer da Ovinocultura uma atividade produtiva prazerosa e que tem paixão pela criação ovina.

Trabalhos de Paixão Cortes



Elaboração, distribuição e informações

SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E AGRONEGÓCIO

Câmara Setorial da Cadeia Produtiva dos Ovinos

Avenida Getúlio Vargas, 1384 - Bairro Menino Deus, Porto Alegre - RS

CEP: 90150-900

Fone: (51) 3288.6200

www.agricultura.rs.gov.br

www.facebook.com/agriculturars - www.twitter.com/agricultura_rs

ovinocultura@agricultura.rs.gov.br

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE OVINOS

A.R.C.O.

Avenida 7 de Setembro, 1159. - Centro, Bagé - RS

CEP: 96400-901

Caixa Postal: 145

Fone: (53) 3242.8422 - Fone/Fax: (53) 3242.9522

www.arcoovinos.com.br

arco@arcoovinos.com.br

Elaboração do Guia do Ovinocultor

AUTORES:

José Galdino Garcia Dias - Médico Veterinário - UFRGS - CRMV-RS nº 4125

Eduardo Amato Bernhard - Médico Veterinário - UFRGS - CRMV-RS nº 6174

Marcelo Spinelli Grazziotin - Médico Veterinário - UFRGS - CRMV-RS nº 5260

Câmara Setorial da Cadeia Produtiva dos Ovinos

Grupo de Trabalho: Manejo reprodutivo e nutricional

Entidades Participantes: EMBRAPA, UFRGS, FEBROCARNE, ARCO, FEPAGRO e EMATER.

Diagramação/Planejamento Gráfico: Alexandre Hernandez - Seapa

Fotografias do Guia: Antônio Vilmar da Rosa - Seapa

Fernando Dias Kluwe – Seapa

José Paulo Souto Dias - São Gabriel – RS

Dez dicas para uma boa criação

- 1 - Qualifique e treine sua mão-de-obra;
- 2 - Tenha boas cercas e instalações adequadas;
- 3 - Proteja de predadores em potencial;
- 4 - Disponibilize sombra, água fresca e alimentação de qualidade;
- 5 - Utilize as boas práticas de manejo;
- 6 - Faça uma boa seleção do rebanho;
- 7 - Invista em animais de boa procedência e qualidade reconhecida;
- 8 - Preocupe-se sempre com o bem-estar dos seus ovinos;
- 9 - Produza de forma sustentável e sempre respeitando o meio-ambiente;
- 10 - Sempre tenha na ponta do lápis o seu custo de produção;

ASPECTOS GERAIS DA CRIAÇÃO 6 - 11

MANEJO DO REBANHO 12 - 23

NUTRIÇÃO 24 - 37

REPRODUÇÃO E ATENÇÃO AO CORDEIRO 38 - 57

SANIDADE 58 - 83

CARNE - LÃ - LEITE - PELE 84 - 103

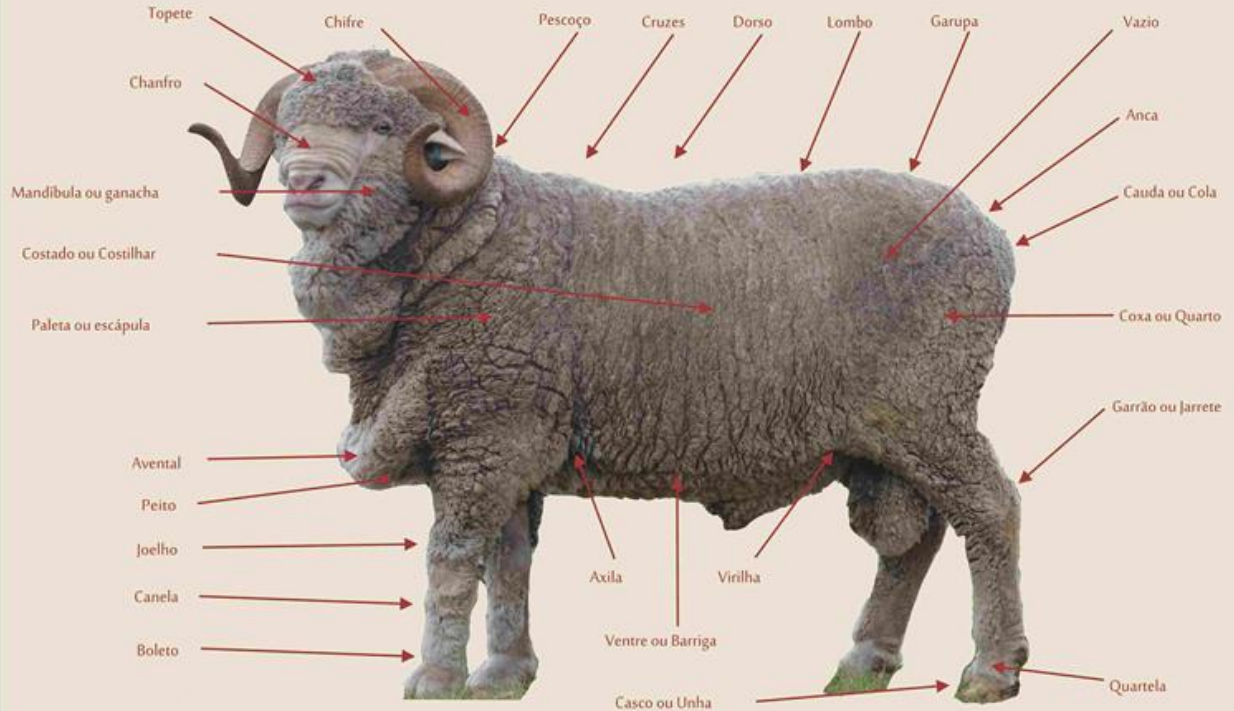
INSTALAÇÕES 104 - 107

CONTROLE MENSAL 108 - 111

PLANILHAS E TABELAS 112 - 117

Anatomia

Familiarize-se com os nomes corretos das partes para facilitar o uso deste guia ou quando precisar conversar com



Categorias Ovinas

• **Cordeiro(a):** ovino jovem, até o desmame. Para fins de abate e comercialização, o ovino até 1 ano de idade, com dentes de leite

ainda é considerado como cordeiro.

• **Borrego(a):** macho jovem, selecionado para reprodução, a partir do desmame. Pode ser dente de leite ou 2 dentes.

• **Borrega:** fêmea jovem, selecionada para reprodução, a partir do desmame até o primeiro parto (12-24 meses).

• **Ovelha:** Fêmea adulta, após primeiro parto.

• **Carneiro:** Macho adulto, a partir de 2 anos de idade, utilizado para a reprodução.

• **Capão:** Macho adulto castrado

• **Rufião:** Macho infértil ou fêmea preparada para a identificação de cio

Determinação da idade pela dentição

Verificação
da idade dos
OVINOS
pela



DENTE DE LEITE

0 a 12 meses de idade



DOIS DENTES

12 a 18 meses de idade



QUATRO DENTES

18 a 24 meses de idade



SEIS DENTES

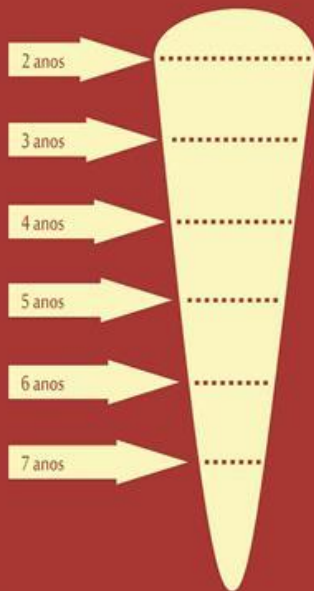
24 a 36 meses de idade



OITO DENTES

36 a 48 meses de idade

Desgaste anual na dentição dos ovinos



DENTES RASADOS

ovinos velhos ou criados em regiões de pastos duros ou arenosos.



Dentição com forquilha

DESCARTAR



DENTES FALHADOS

Defeitos genéticos
ou adquiridos

Avaliação do Exterior

BRAGNATISMO



PROGNATISMO



Animais com defeito de mordedura "queixo curto" ou "queixo para frente", devem ser eliminados, pois terão dificuldade na alimentação e por consequência baixa produtividade. Estes defeitos são, na maioria das vezes, genéticos e vão se apresentar nas gerações seguintes.

APRUMOS

As patas são responsáveis pela movimentação do animal e sua capacidade de realizar a monta, apoiando-se corretamente no solo. Alterações no pé e joelhos, garrões (jarretes) e animais "sentados" sobre os garrões são alguns defeitos em que se recomenda o descarte dos animais, pois certamente apresentarão dificuldade de locomoção e acasalamento. Baixando portanto a produtividade do animal.

Dianteiro



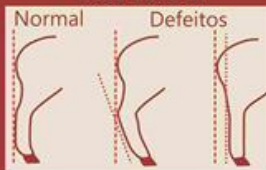
Vista Lateral



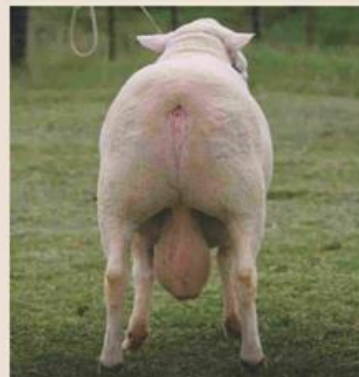
Traseiro



Vista Lateral



APRUMOS NORMAIS



Como agarrar e conter

Cercar e conter um ovino da forma correta é fundamental no manejo. Além do estresse, muitas lesões e traumatismos são resultantes do mal manejo, diminuindo a produtividade do rebanho.

Separe o animal que necessita pegar com outras ovelhas em uma pequena área. Aproxime-se dele lenta e calmamente. Movimente o rebanho em direção a um canto da mangueira e estenda o braço formando uma barreira visual, fazendo com a que o ovino corra paralelo a cerca.

Nunca pegar ou segurar uma ovelha pela lã, o que pode causar hematomas na pele e até rupturas.

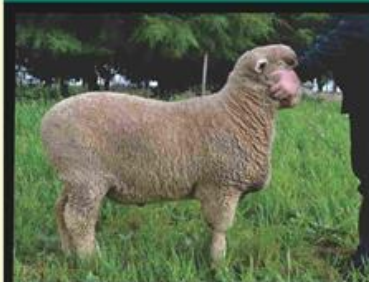
Segurar pelo flanco ou no pescoço. A virilha só deve ser utilizada para animais leves.

- Não isole o ovino do rebanho. Um animal sozinho fica facilmente estressado e pode se machucar ou a quem esteja manejando;
- Sempre trabalhe quieto e calmo, com sons cadenciados, sem gritarias;
- Trabalhe somente com cães treinados, pois só assim auxiliarão no manejo do rebanhos;
- Para rebanhos grandes deve-se construir um brete para contenção e manejo dos animais;

Segure o ovino colocando mão esquerda firme sob a mandíbula mantendo a cabeça na posição normal e com a mão direita segure na anca ou na cauda.

Segure com as duas mãos na ganacha, pele com lã na junção do pescoço e da mandíbula.

Montar no ovino e segurá-lo por baixo do queixo com as duas mãos.



Maneira prática de derrubar um ovino



1 - Coloque a mão esquerda sob a mandíbula da ovelha e o pescoço e firme com a mão direita no flanco, firmando no osso do quadril.



2 - Com um golpe rápido, com a mão esquerda force a cabeça da ovelha para a direita e com a mão direita pressione o quadril para baixo, colocando a ovelha numa posição sentada.



3- Force a cabeça da ovinos exerça pressão no posterior fazendo o ovino rodar até sentar no chão.



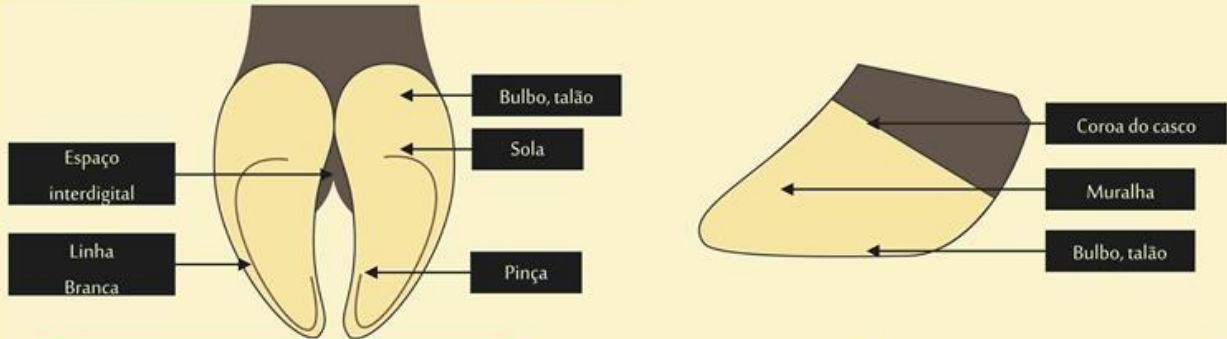
4 - Levante o animal em direção ao seu próprio corpo, puxando pelo peito e pela cabeça, até que se acomode dentre suas pernas. Exerça pressão para baixo no posterior.



5- Nesta posição, e com a flexão do pescoço em direção ao solo, o animal fica perfeitamente acomodado e sujeito ao operador. Sem causar traumatismos ao ovino e facilitando a vida do trabalhador.

Casqueamento

Anatomia do casco



O crescimento e o desgaste do casco varia entre as diferentes regiões, devendo ser avaliado periodicamente a necessidade de casqueamento.

Em regiões de solos "duros" existe um maior desgaste e menor necessidade de casqueamento, ao contrário de regiões de solos arenosos e úmidos.

A apara dos cascos deve ser realizada sempre utilizando tesoura apropriada, afiada, podendo contar

ANTES de



DEPOIS de casquear



Como aparar o casco dos ovinos



Iniciar o corte pelo talão em direção a pinça, retirando todo o excesso da unha de maneira que fique parelha com a sola.



Retirar o excesso das pinças de maneira que as duas fiquem sempre na mesma altura. Evitar cortar em excesso para não haver sangramentos.



Retirar o excesso da parte interna da unha, partindo da pinça em direção ao talão.



Retirar o excesso de casco do talão da outra unha até emparelhar com a sola, de forma que o ovino fique pisando corretamente, sem forçar para nenhum lado.



Depois de retirar o excesso das unhas, emparelhe os cascos de maneira que fiquem do mesmo tamanho e nivelados, tanto na sola quanto nas pinças.

Como aplicar medicamentos

Algumas regras simples de Boas Práticas na Aplicação de Medicamentos podem ser consideradas para obtenção dos melhores resultados durante a realização de um protocolo

- Na aplicação de antibióticos e anti-inflamatórios, utilizar seringas e agulhas descartáveis.
- No uso de agulhas de metal, esterilizar através do calor ou produtos desinfetantes, realizando a troca sistemática a cada 10 animais tratados;
- Adequar o tamanho e o calibre das agulhas para ovinos e de acordo com a via de aplicação e viscosidade do produto.
- Descartar as agulhas que se apresentarem em más condições (tortas, sem fio ou enferrujadas);
- No uso de pistolas verificar a limpeza e calibração previamente ao uso, independente da via de aplicação. Estas devem ser sistematicamente recalibradas a cada 10 animais tratados;
- Nunca misturar medicamentos num mesma seringa/pistola. Alguns produtos, quando combinados, podem tornar-se tóxicos ou causar efeitos indesejáveis;
- Na aplicação de medicamentos orais, a pistola deve ser utilizada com cautela, para evitar a ocorrência de lesões na boca dos ovinos. Estas lesões podem levar a formação de abscessos, e em alguns casos, a morte dos animais.
- Tratamentos que envolvam grandes lotes, ou até mesmo todo o rebanho, devem ser realizados nas horas mais frescas do dia (início da manhã ou final da tarde) para diminuição do estresse.
- O local de aplicação dos produtos deve ser higienizado através de algodão ou gaze, embebidos em soluções antissépticas.
- Aplicações mal feitas de medicamentos causam edemas, abscessos e até lesão de nervos no local de aplicação, levando a dor, queda no consumo de alimento e no ganho de peso diário e até a morte de animais.

ORAL



Diretamente na boca do ovinos

Aplicar o dosador no canto da boca. Cuidar para evitar FALSA-VIA (via pulmonar)



ENDOVENOSO

É aplicada na veia, sempre utilizando material descartável ou esterilizado. Deve ser realizada preferencialmente por médico veterinário

TÓPICA

Aplicado diretamente no local da lesão.

SUBCUTÂNEO



Embaixo da pele entre o couro e a carne.

Aplicar a agulha sempre de cima para baixo, de maneira que o orifício fique sempre acima do líquido injetado.



Locais de eleição para



INTRAMUSCULAR



Aplicação intramuscular profunda, dentro do músculo.

Antes de injetar o líquido, puxar o êmbolo para ter certeza de não injetar em um vaso sanguíneo.



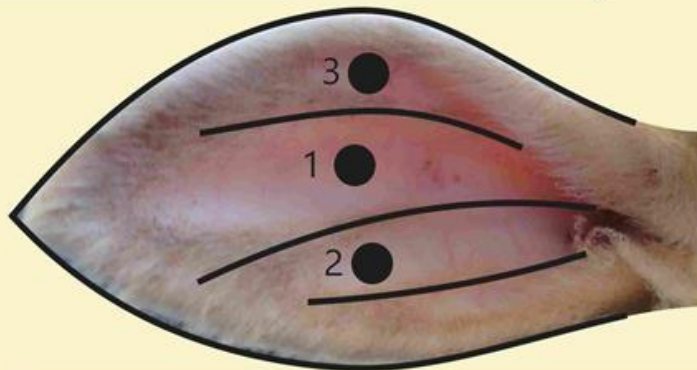
Locais de eleição: Parte interna do quarto, paleta ou tábua do pescoço

Agulhas indicadas
13x10 e 15x10

Animais destinados ao abate somente injetar no pescoço para

Identificação

Aplicação correta do brinco



Animais que receberão serviço de tatuagem pela A.R.C.O. deverão usar o local nº 3



Antes de aplicar, mergulhar o aplicador com o brinco numa solução com iodo.

Quando colocado no verão deve-se aplicar um repelente no local da aplicação do



Locais Regulamentares das Tatuagens utilizados pela A.R.C.O

LOCAIS REGULAMENTARES DA COLOCAÇÃO:



- 1) dos Símbolos - ARCO - RGB - SO - RD e CG
- 2) da Identificação - Tatuagem numérica
- 3) do Código do Rebanho - número e letra

- A identificação (numérica) e o Código do Rebanho devem ser feitas

Animais Puros de Origem P O



Animais Puros por Cruzamento com Origem



Animais Puros por Cruzamento com Origem



Animais com Geração Controlada Cruzamento Absorvente



Animais de Raça Definida



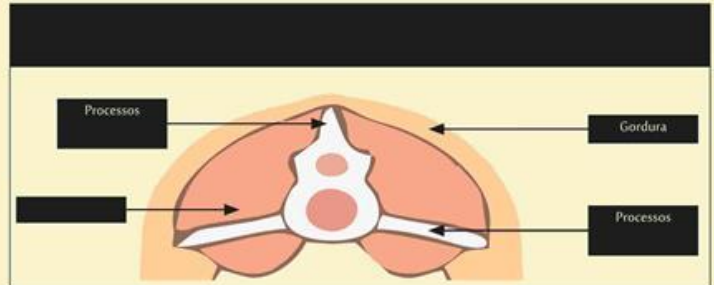
Avaliação da condição corporal

É uma técnica rápida e fácil de diagnosticar o estado nutricional do seu rebanho, principalmente no manejo reprodutivo.

Através da C.C. do rebanho, podemos tomar medidas adequadas para cada estágio desde a monta até a parição e o desmame.

O Método mais utilizado atualmente para avaliação da condição corporal foi criado na Austrália e se baseia em uma escala de 0 a 5, onde zero representa um animal caquético e cinco um ovino extremamente gordo. Valores intermediários podem ser usados, limitando-se a meio ponto (ex.: 2,5 ou 4,5).

A condição corporal é obtida pela palpação da parte superior e lateral da região lombar da coluna vertebral. Devem ser examinados os seguintes pontos: a saliência ou contornos dos processos dorsais e transversos das vértebras lombares; a quantidade de gordura e músculo abaixo dos processos transversos, julgado pela dificuldade com que os dedos tem acesso a parte ventral dos processos e a quantidade de músculo e gordura entre os processos transversos e dorsais.








Apalpar os processos transversos procurando identificar o grau de cobertura de músculo e gordura



Verificar a largura de lombo do animal e a cobertura dos processos transversos



Com o polegar apalpar os processos espinhosos para verificar a cobertura de músculo e gordura

Escore	
1	 <p>Animal muito magro. Os processos espinhosos e transversos estão pontiagudos e se pode identificar com os dedos os espaços entre eles. O músculo do lombo</p>
2	 <p>Animal magro, praticamente sem gordura subcutânea. Os processos transversos e espinhosos são proeminentes e com bordas suaves (ondulações). Isola-se os processos transversos por meio de pressão leve. Os</p>
3	 <p>Estado regular, onde os processos espinhosos e transversos são sentidos por leve pressão como elevações lisas e arredondadas. Os músculos estão desenvolvidos e há deposição moderada de</p>
4	 <p>As vértebras e seus processos estão cobertos e são sentidos com muita dificuldade, mesmo com forte pressão. Músculos convexos e cobertos por uma camada de gordura, tendo uma linha dura</p>
5	 <p>Animal muito gordo. As vértebras não são sentidas mesmo por forte pressão. Músculo lombar bem convexo e com grossa capa de gordura cobrindo-o. Há uma depressão no</p>

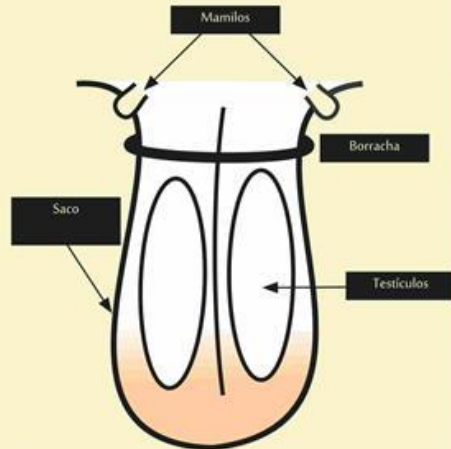
Estágio produtivo	Escore ideal
Encarneamento	3,0
Pré-parto	2,5
Lactação	3,0
Desmame	2,5
Carneiros	3,0 – 3,5
Cordeiros p/ abate	3,0 – 3,5

- Avaliar a condição corporal 45 a 60 dias antes – colocar os animais com baixa C.C. em campo de boa qualidade ou suplementar com ração

- A boa condição corporal da ovelha durante o terço final de gestação está diretamente relacionada a uma maior sobrevivência de cordeiros no pós-parto, pelo aumento das eservas energéticas.

Castração e corte da cauda

Castração com anéis de borracha



Confira se os testículos estão dentro do saco

Cordeiros machos que forem destinados ao abate até os seis meses de idade, não necessitam o corte da cola e a castração.



1 Levantar o saco escrotal



2 Colocar os testículos dentro do saco escrotal



3 Passar o saco escrotal por dentro da borracha



4 Fazer com que os testículos fiquem dentro do saco escrotal só depois soltar a borracha

Corte da cauda com borracha

O corte da cauda é uma medida higiênica para raças ovinas de lã, evitando o acúmulo de sujidades na região do períneo e facilitando no momento da cobertura, do parto e da

Importante: O uso de anéis de borracha com o auxílio de um elastrador é a técnica mais simples de corte da cauda. Não devemos usar a borracha antes do 15º dia de vida.

Manter sempre os anéis de borracha em um recipiente de boca larga, submersos em solução antisséptica. Utilizar sempre anéis de borracha com bordos arredondados.

Na fêmea deve-se medir o comprimento que ficará a cauda pois deverá ficar cobrindo a vulva após o corte.

No macho para abate costuma-se não cortar ou cortar a cauda pela metade para fácil identificação nos lotes.



1 Colocar o anel no alicate elastrador



2 Abrir o elastrador até mais ou menos a espessura da cola

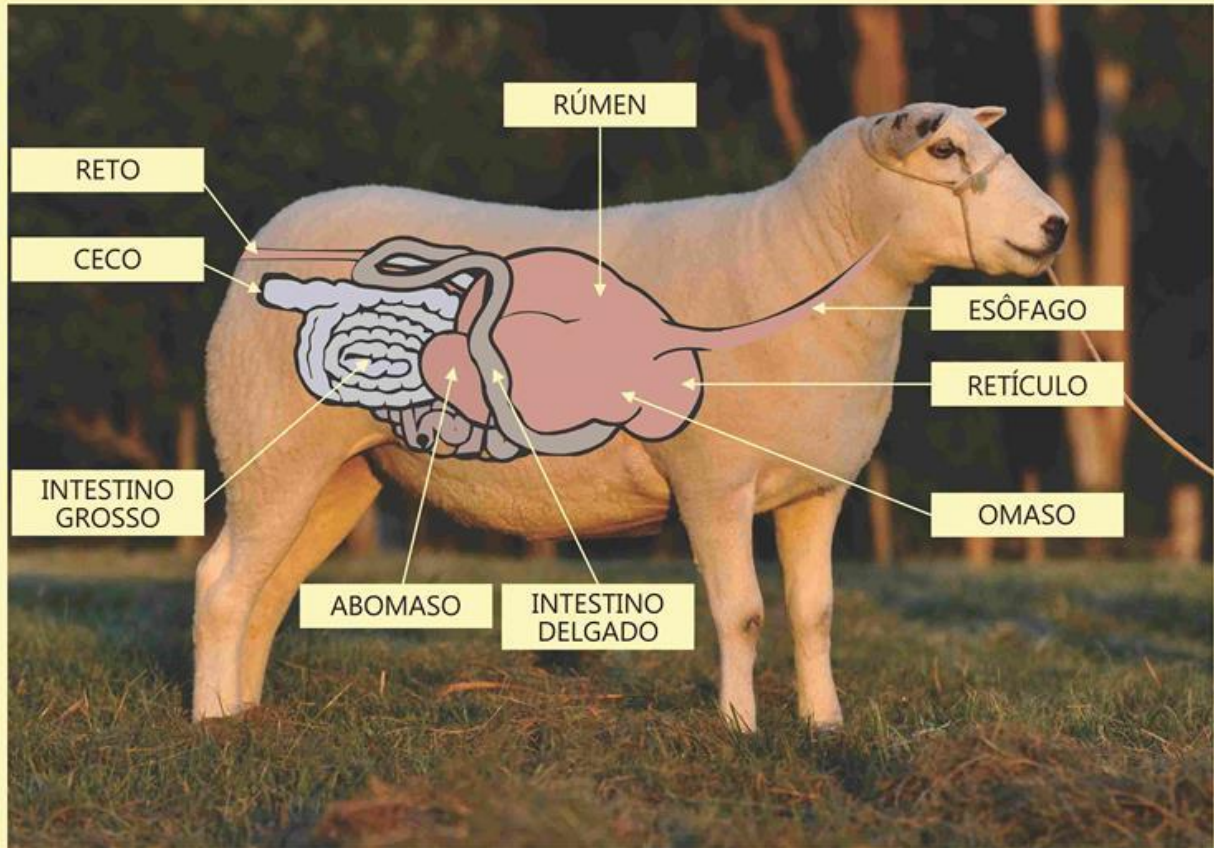


3 Introduzir a cola por dentro da borracha até perto do limite onde vai ser colocada.



4 Na fêmea deve-se medir o comprimento da cauda para que sempre fique cobrindo a vulva.

Anatomia do aparelho digestivo



OS OVINOS SÃO RUMINANTES, e sua alimentação deve ser baseada no consumo de

RUMINANTES são classificados como animais de estômago composto por 4 compartimentos: rúmen (bucho), retículo, omaso (mil folhas) e abomaso (coalheira). A absorção dos nutrientes pelos ruminantes em grande parte depende da população microbiana ruminal (microrganismos que se multiplicam no rúmen e intestino grosso).

RÚMEN: Funciona como uma câmara de fermentação, que possui uma grande número de microorganismos (bactérias), responsáveis pela degradação da parede celular dos vegetais, disponibilizando nutrientes para a digestão.

RETÍCULO: Atua em conjunto com o rúmen na fermentação e funciona como regulador da atividade ruminal.

OMASO: Tem sua parede coberta por mucosa curiosamente disposta em folhas. É onde ocorre a absorção do excesso de água do bolo alimentar, que é passado então para o abomaso.

Nos cordeiros o desenvolvimento do rúmen ocorre até os 45 dias de idade, quando este passa a ser um ruminante completo.

Alimentos

Fontes de Energia

Milho	Triguilho
Arroz	Melaço de Cana
Cevada	Farinha de Trigo
Trigo	Caldo de Cana
Aveia	Açúcar
Triticale	Lecitina de Soja
	Óleos Vegetais (Soja, Arroz, Girassol)

Fontes de Fibra

VOLUMOSO	CONCENTRADO
Feno de Tifton	Casca de Soja
Silagem de Cana	Rolão de Milho
Bagaço de Cana	Resíduo de Milho
Silagem de Milho	Resíduo Colheita de Soja
Feno de Gramíneas	Resíduo Pré-Limpeza
Silagem de Sorgo	Grãos Casca de Arroz
Feno de Coast Cross	Abóbora
Rama de Mandioca	Batata Doce

Fontes de Proteína

Farelo de Soja
Farelo de Girassol
Feno de Alfafa
Farelo de Girasol
Levedura de Cerveja

Fontes Minerais

CÁLCIO E FÓSFORO

Fosfato Bicálcico
Farinha de Ostra

OUTROS MINERAIS

Sal Comum
Sal Mineral para Ovinos

Concentrados



Concentrados são os alimentos de elevado teor energético ou proteico, utilizados como complemento das dietas volumosas.



Concentrados utilizados na alimentação

<u>ALIMENTO</u>	<u>Matéria Seca</u>	<u>Proteína Digestível</u>	<u>Nutrientes Digestíveis Totais</u>	<u>Proteína Bruta</u>	<u>Cálcio</u>	<u>Fósforo</u>
CONCENTRADO	%	%	%	%	%	%
<i>Arroz - grãos</i>	88,80%	6,00	70,20	7,90	0,08	0,32
<i>Arroz - farelo</i>	90,80%	8,40	67,40	12,40	0,08	1,36
<i>Aveia</i>	90,40%	14,60	91,90	16,20	0,08	0,46
<i>Cevada</i>	89,40%	10,00	77,70	12,70	0,06	0,40
<i>Laranja - polpa</i>	87,70%	6,10	78,40	7,70		
<i>Milho - grão</i>	88,20%	6,90	82,50	9,00	0,03	0,27
<i>Milho - espigas com palha picada</i>	89,30%	4,80	69,10	7,80		
<i>Milho - sabugo e grãos</i>	86,10%	5,40	73,20	7,40	0,04	0,22
<i>Milho - farelo</i>	90,40%	5,60	69,40	9,80	0,04	0,14
<i>Soja - sementes</i>	90,00%	33,70	87,60	37,90	0,25	0,59
<i>Soja - farinha</i>	92,90%	40,20	82,00	47,90	0,27	0,63
<i>Sorgo - grãos</i>	89,80%	8,90	81,60	11,00	0,03	0,31
<i>Trigo - grãos</i>	89,50%	11,10	80,00	13,20	0,04	0,39
<i>Trigo - farelo</i>	90,10%	13,30	66,90	16,40	0,03	1,29

Volumosos

São alimentos ricos em fibras e fundamentais para o funcionamento normal do rúmen.

FORRAGENS VERDES



FORRAGENS VERDES: é o pasto em seu estado natural. Além de proteína e energia, as forragens fornecem a fibra necessária para promover a mastigação, ruminação e saúde do rúmen. Quanto mais novas, mais as plantas são apreciadas pelos ovinos, porque possuem mais água, menos matéria seca, mais proteínas, minerais, caroteno e menos fibra do que as plantas mais velhas. São mais nutritivas e de mais fácil digestão.

SILAGEM



SILAGEM: é o processo de conservação de forragens úmidas, resultante da fermentação realizada por bactérias, de forrageiras, picadas e acondicionadas em silos. O processo de ensilagem deve ser feito com a planta cortada na época certa, enchendo-se o silo em camadas e fazendo a compactação da massa verde picada. Deve-se fechar o silo de maneira que não fique ar no seu interior.

FENO



FENO: é o processo de conservação da pastagem verde pela secagem ao sol (desidratação). Importante cortar a pastagem enquanto estiver com boas qualidades nutricionais, antes de sementar. É a maneira mais barata e prática de conservar e guardar as forragens. Um quilo de feno de boa qualidade vale por 3kg de forragem verde. Os fenos de leguminosas são melhores do que os de gramíneas.

Principais volumosos utilizados na alimentação

<u>ALIMENTO</u>	<u>Matéria Seca</u>	<u>Proteína Digestível</u>	<u>Nutrientes Digestíveis Totais</u>	<u>Proteína Bruta</u>	<u>Cálcio</u>	<u>Fósforo</u>
PASTAGENSEFENOS	%	%	%	%	%	%
<i>Alfafa (feno)</i>	90,50%	10,90	50,70	15,30	1,47	0,24
<i>Alfafa (folhas)</i>	89,40%	17,30	57,70	22,20	2,22	0,24
<i>Alfafa (pastagem)</i>	24,40%	3,50	14,80	4,60	0,40	0,06
<i>Aveia (feno)</i>	88,10%	4,90	47,30	8,20	0,21	0,19
<i>Azevem (feno)</i>	88,00%	4,70	52,50	9,20	0,24	1,47
<i>Azevem (pastagem)</i>	20,00%	2,90	12,10	3,90	0,13	0,08
<i>Cana-de-açúcar (feno)</i>	89,00%	0,70	55,30	1,30	0,32	0,14
<i>Cornichão (feno)</i>	91,20%	9,80	55,00	14,20	1,60	0,20
<i>Cornichão (pastagem)</i>	20,00%	4,60	15,00	5,60	0,44	0,05
<i>Milho (ramas com espigas)</i>	91,10%	3,80	58,80	7,80	0,27	0,16
<i>Aveia de verão (feno-aveia de verão)</i>	89,40%	4,30	48,60	8,80	0,36	0,27
<i>Trevo vermelho (feno)</i>	88,30%	7,20	51,80	12,00	1,28	0,20
<i>Trevo branco (feno)</i>	88,00%	10,50	55,60	14,40	1,67	0,28
<i>Trevo banco (pastagem)</i>	17,80%	4,10	12,90	5,10	0,25	0,09
<i>Trigo (feno)</i>	90,40%	3,30	46,70	1,80	0,14	0,18
<i>Colonião</i>	26,80%	0,80	13,80	1,40		
<i>Pastagens (gramíneas e leguminosas)</i>	22,80%	3,80	15,00	5,00	0,14	0,08
SLAGENS	%	%	%	%	%	%
<i>Aveia com melaço</i>	32,00%	1,40	16,90	2,70	0,10	0,09
<i>Cana-de-açúcar</i>	21,90%	0,50	13,30	0,90		
<i>Milho</i>	27,60%	1,20	18,30	2,30	0,10	0,07
<i>Sorgo</i>	25,40%	0,80	15,20	1,60	0,08	0,05
<i>Aveia de verão</i>	25,70%	1,50	14,40	2,20	0,11	0,04

Tabela de Morriçon para Alimentação de Ovinos

Peso Vivo kg.	MS / kg Matéria Seca	PD / kg Protéina Digest	NDT / kg Nutri. Digest. Tot.	Cálcio (g)	Fósforo (g)	Energ.Liq. (terminais)
A - Ovelhas em gesta ç ão, 4 a 6 semanas antes da prenhez						
45	1,22 - 1,55	0,072 - 0,086	0,681 - 0,863	3,6	2,9	1,2 - 1,5
50	1,36 - 1,68	0,077 - 0,091	0,772 - 0,954	4,0	3,2	1,3 - 1,6
54	1,45 - 1,77	0,082 - 0,100	0,818 - 1,000	4,3	3,4	1,4 - 1,7
59	1,55 - 1,86	0,086 - 0,104	0,863 - 1,045	4,5	3,6	1,5 - 1,8
63	1,64 - 1,95	0,091 - 0,109	0,909 - 1,090	4,8	3,8	1,6 - 1,9
68	1,73 - 2,04	0,095 - 0,113	0,954 - 1,136	5,0	4,0	1,7 - 2,0
B - Ovelhas em gesta ç ão, 4 a 6 semanas antes do parto						
50	1,50 - 1,81	0,100 - 0,113	0,954 - 1,090	4,4	3,5	1,7 - 2,0
54	1,59 - 1,91	0,104 - 0,118	1,000 - 1,181	4,6	3,7	1,8 - 2,1
59	1,68 - 2,00	0,109 - 0,123	1,045 - 1,227	4,9	3,9	1,9 - 2,2
63	1,77 - 2,09	0,113 - 0,127	1,090 - 1,272	5,1	4,1	2,0 - 2,3
68	1,86 - 2,18	0,118 - 0,131	1,090 - 1,316	5,3	4,2	2,1 - 2,4
C - Ovelhas com cria ao p é						
45	1,55 - 1,86	0,127 - 0,141	1,000 - 1,181	6,1	4,5	1,9 - 2,2
50	1,64 - 1,95	0,131 - 0,145	1,090 - 1,227	6,2	4,6	2,0 - 2,3
54	1,73 - 2,05	0,136 - 0,150	1,136 - 1,316	6,4	4,7	2,1 - 2,4
59	1,82 - 2,14	0,141 - 0,154	1,181 - 1,363	6,5	4,8	2,2 - 2,5
63	1,91 - 2,23	0,145 - 0,159	1,227 - 1,409	6,6	4,9	2,3 - 2,6
68	1,96 - 2,27	0,150 - 0,163	1,272 - 1,454	6,8	5,0	2,4 - 2,7

Peso Vivo kg.	MS / kg Matéria Seca	PD / kg Protéina Digest	NDT / kg Nutri. Digest. Tot.	Cálcio (g)	Fósforo (g)	Energ.Liq. (terminais)
D - Borregas						
23	0,77 - 1,00	0,059 - 0,072	0,454 - 0,545	2,9	2,6	0,8 - 1,0
27	0,86 - 1,09	0,063 - 0,082	0,545 - 0,680	2,9	2,6	1,0 - 1,3
32	0,95 - 1,18	0,068 - 0,086	0,590 - 0,727	3,0	2,7	1,1 - 1,4
36	1,00 - 1,23	0,077 - 0,095	0,636 - 0,772	3,0	2,7	1,2 - 1,4
41	1,05 - 1,27	0,082 - 0,100	0,681 - 0,818	3,0	2,7	1,3 - 1,5
45	1,09 - 1,31	0,086 - 0,104	0,727 - 0,863	3,1	2,8	1,4 - 1,6
50	1,14 - 1,36	0,091 - 0,109	0,772 - 0,909	3,2	2,8	1,4 - 1,7
54	1,18 - 1,41	0,095 - 0,113	0,818 - 0,954	3,1	2,7	1,5 - 1,8
E - Borregos						
27	1,00 - 1,23	0,082 - 0,095	0,636 - 0,772	3,9	3,2	1,2 - 1,5
36	1,14 - 1,36	0,091 - 0,104	0,727 - 0,863	3,9	3,3	1,4 - 1,6
45	1,27 - 1,50	0,095 - 0,113	0,818 - 0,954	4,0	3,4	1,6 - 1,8
54	1,41 - 1,64	0,100 - 0,118	0,909 - 1,045	3,9	3,3	1,7 - 2,0
63	1,55 - 1,77	0,104 - 0,122	1,000 - 1,136	3,8	3,3	1,9 - 2,2
72	1,68 - 1,91	0,109 - 0,127	1,045 - 1,181	3,7	3,3	2,0 - 2,3
F - Cordeiros em engorda						
23	0,81 - 1,04	0,072 - 0,086	0,545 - 0,681	2,5	2,1	1,0 - 1,3
27	0,91 - 1,14	0,082 - 0,095	0,681 - 0,818	2,6	2,2	1,3 - 1,6
32	1,00 - 1,23	0,091 - 0,104	0,772 - 0,909	2,9	2,4	1,5 - 1,8
36	1,05 - 1,27	0,095 - 0,109	0,818 - 0,954	2,9	2,4	1,6 - 2,0
41	1,09 - 1,32	0,100 - 0,113	0,863 - 1,000	2,7	2,3	1,7 - 2,1
45	1,14 - 1,36	0,104 - 0,118	0,909 - 1,045	2,7	2,3	1,8 - 2,2

Pastagens de inverno

PASTAGENS PERENES



Azevém Perene



Festuca



Trevos



Cornichão

PASTAGENS ANUAIS



Aveia Branca ou Preta



Ervilhaca



Azevém Comum

Espécie	Quantidade de semente/muda Kq/ha	Exigência de fertilidade do solo	Forma de propagação	Época de plantio	Período de utilização	Qualidade
PASTAGENS PERENES						
Trevo branco	2 - 3 Kq	Alta	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta
Trevo vermelho	8 - 10 Kq	Alta	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta
Trevo vesiculoso	8 - 10 Kq	Alta/Média	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta
Amendoim forrageiro	8 - 10 Kq	Alta/Média	Semente	Primavera	Primavera/Verão/Outono	Alta/Média
Cornichão	8 - 10 Kq	Alta/Média	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta
PASTAGENS ANUAIS						
Azevém	25 - 35 Kq	Alta/Média	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta
Aveia	80 - 100 Kq	Alta/Média	Semente	Outono	Outono/Inverno	Alta
Ervilhaca	30 - 40 Kq	Alta/Média	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta/Média
Alfafa	15 - 20 Kq	Alta	Semente	Outono	Inverno/Primavera	Alta

Pastagens de verão

PASTAGENS PERENES



Aruana



Tifton



Jiggs

PASTAGENS ANUAIS



Sorgo Forrageiro



Chicória



Milheto

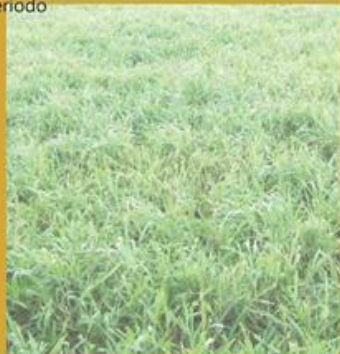


Aveia de Verão (Sudão)

Espécie	Quantidade de semente/muda Kg/ha	Exigência de fertilidade do solo	Forma de propagação	Época de plantio	Período de utilização	Qualidade
PASTAGENS PERENES						
Azevém perene	20 - 30 Kg	Média	Semente	Primavera	Verão/Outono/Inverno	Alta/Média
Bermudas	2 - 4 ton	Alta/Média	Muda	Primavera	Primavera/Verão/Outono	Alta/Média
Estrela africana	2 - 4 ton	Média	Muda	Primavera	Primavera/Verão/Outono	Média
Pensacola	25 - 35 Kg	Média	Semente	Outono/Primavera	Primavera/Verão/Outono	Média
Aruana	15 - 20 Kg	Média	Semente	Primavera	Primavera/Verão/Outono	Média
Quicuío	2 - 4 ton	Alta/Média	Muda	Primavera	Primavera/Verão/Outono	Média
PASTAGENS ANUAIS						
Milheto	20 - 25 Kg	Média	Semente	Primavera	Verão	Alta/Média
Sorgo forrageiro	10 - 12 Kg	Média	Semente	Primavera	Verão	Média
Capim sudão (Aveia de verão)	25 - 30 Kg	Alta	Semente	Primavera	Verão	Média

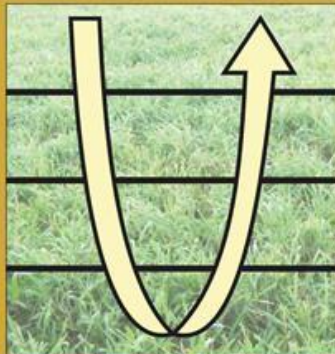
Sistemas de pastoreio

Deve ser levado em consideração em todos os sistemas de pastoreio a espécie da pastagem, sua capacidade de rebrote e o volume de chuva no período



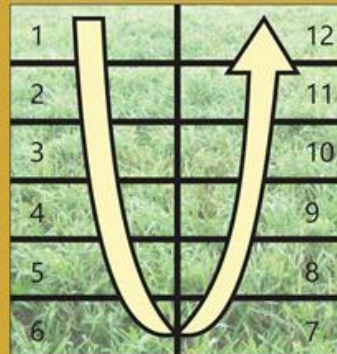
PASTOREIO CONTÍNUO

Adequar a lotação conforme a altura e o volume da pastagem e o tempo de permanência dos animais



PASTOREIO EM

Dimensionar os poteiros conforme a lotação a ser usada para dar condições de recuperação da pastagem



PASTOREIO

Pastoreio intensivo visando melhor aproveitamento da pastagem com uma maior lotação por área. Por se trabalhar com uma lotação maior por piquete, o tempo de permanência é menor

PASTOREIO ROTACIONAL INTENSIVO

Neste sistema o tempo de permanência dos animais deve ser regulado de acordo com o volume de pasto e a lotação de maneira que os animais permaneçam um dia em cada poteiro

3	4	9	10	15	16
2	5	8	11	14	17
1	6	7	12	13	18
36	31	30	25	24	19
35	32	29	26	23	20
34	33	28	27	22	21

Observação: Todo o pastoreio rotativo quando em áreas maiores deve-se observar a altura do pasto antes de se colocar os animais. Muitas vezes pela diferença de terreno, alguns poteiros apresentam melhores condições de pastoreio.

Altura das pastagens e quantidade de forragem ideais para o pastoreio dos ovinos

Referências gerais de altura (AL T) e massa de forragem (MF) de diferentes pastagens e categorias de ovinos para um adequado manejo de pastagem (Carvalho, 2004).

<i>Forrageiras</i>	<i>Categoria Animal</i>	<i>Altura(cm)</i>	<i>Massa de forragem (kg MS/há)</i>
<i>Pastagens de inverno</i>	<i>Animais em crescimento</i>	10-15	1600-2000
	<i>Ovelhas secas ou nos 2/3 iniciais da gestação</i>	10	1400-1600
	<i>Ovelhas no 1/3 final de gestação e lactação</i>	15-20	2000-2400
<i>Pastagens de verão decumbente-prostrado</i>	<i>Animais em crescimento</i>	15-20	2500-3000
	<i>Ovelhas secas ou nos 2/3 iniciais da gestação</i>	10-15	2000-2500
	<i>Ovelhas no 1/3 final de gestação e lactação</i>	20-15	3000-3500
<i>Pastagens de verão cespitoso</i>	<i>Animais em crescimento</i>	25-30	3500-4000
	<i>Ovelhas secas ou nos 2/3 iniciais da gestação</i>	20-25	3000-3500
	<i>Ovelhas no 1/3 final de gestação e lactação</i>	30-35	4000-4500

Sistemas de alimentação

FLUSHING

É a prática de suplementar a dieta das ovelhas antes e após o período de cobertura com a finalidade de aumentar a média da produção de óvulos resultando em gestações múltiplas. Fêmeas que apresentam condição corporal baixa ou mediana são beneficiadas com esta técnica. Inicia-se duas semanas antes de introduzir o carneiro no rebanho continuando por 1-3 semanas após a cobertura. Juntamente com a forragem de alta qualidade, inicia-se o fornecimento de 110g por cabeça de ração com 13% de proteína ao dia aumentando-se gradualmente até 500g no caso das ovelhas com pobre condição e de 200g para aquelas em bom estado nutricional.



Foto: Madeireira Rech - São Gabriel

CREEP-FEEDING

Sistema de suplementação onde somente o cordeiro tem acesso ao cocho.

Esta técnica auxilia o desenvolvimento do rúmen dos cordeiros, auxilia no ganho de peso e reduz o estresse do desmame.

Os cordeiros podem ter acesso a partir das primeiras semanas de vida.

Água

Como qualquer ser vivo, o ovino necessita de água para sua sobrevivência.

A quantidade de água está diretamente relacionada ao tipo de alimentação e ao estado fisiológico do animal.

O consumo de pasto verde supre boa parte da exigência fisiológica, enquanto animais alimentados com concentrado e ou pasto seco, necessitam de uma maior disponibilidade.

Sempre disponibilizar água fresca e de boa qualidade.

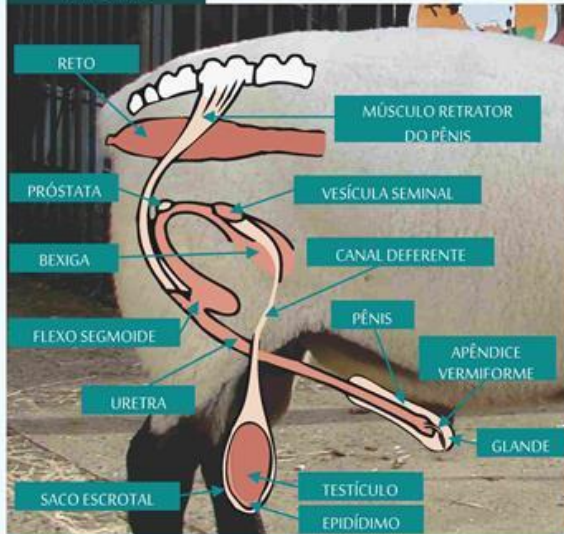


Consumo médio de água por dia (L)

CATEGORIA	CONSUMO

Anatomia do aparelho reprodutivo

MACHO



Testículos: Onde são produzidos os espermatozoides.

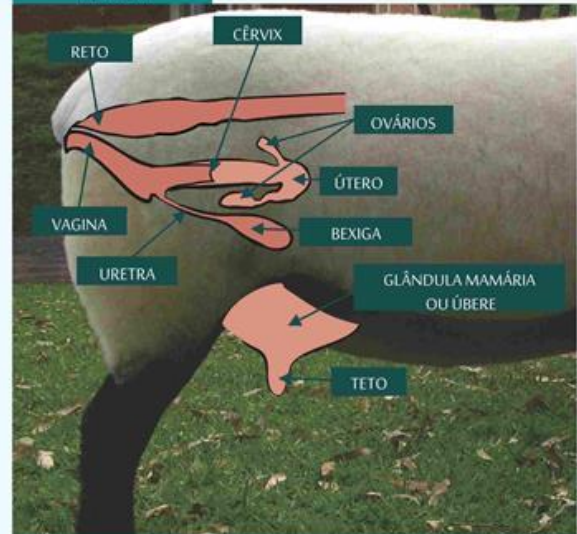
Epidídimo: Está ligado ao testículo e é o local onde ocorre a maturação e armazenamento dos espermatozoides.

Condutores deferentes: Canal de transporte dos espermatozoides.

Glândulas seminais: Produzem os líquidos seminais

Apêndice vermiforme: Prolongamento da ponta do pênis que pulveriza o sêmen no interior da vagina.

FÊMEA



Ovário: onde se forma o ovócito.

Oviduto: local onde ocorre a fertilização do ovócito que depois de fertilizado se transforma em óvulo e posteriormente embrião.

Cornos uterinos: onde ocorre a gestação. O embrião se fixa nas paredes de um dos cornos uterinos

Cérvix ou colo uterino: separa o útero da vagina

Vagina: onde o carneiro introduz o pênis e ejacula.

Maturidade do Macho

A partir dos 5 meses o cordeiro já produz algum espermatozóide, mas ao redor de 01 ano de idade é que ele vai estar apto para a reprodução.

O espermatozoide é a célula germinativa do macho, carrega a carga genética e fertiliza o óvulo da ovelha.

Quando o macho ejacula, os espermatozoides seguem do epidídimo, pelos condutos deferentes, recebem os líquidos produzidos pelas glândulas seminais, quando se forma o sêmen.

O tempo necessário para a formação e amadurecimento dos espermatozoides é de 60 dias.

Carneiros velhos tendem a diminuir sua capacidade reprodutiva. Por este motivo os reprodutores devem ser substituídos após 4 anos de uso.

Maturidade da Fêmea

Ocorre a partir dos 5 a 6 meses de idade, quando a cordeira atinge 70% do seu peso adulto. Varia bastante com a condição corporal, alimentação e estímulos externos.

DURAÇÃO DO CIO:

Borrega	24 a 36h
Ovelha	48h

CICLO ESTRAL: Período compreendido entre dois cios – Em média 17 dias (intervalo de 14 a 19 dias)

OVULAÇÃO: é quando o ovócito(óvulo) é liberado. Ocorre ao final do cio, 24h após o início do ciclo estral. O óvulo permanece viável entre 12 e 24h após a ovulação.

PERÍODO DE GESTAÇÃO: 142 a 150 dias - Média 147 dias

PERÍODO CRÍTICO: de 0 a 35 dias pós fecundação = NIDAÇÃO (quando o embrião se prende a parede

O excesso de grãos na dieta podem prejudicar a espermatogênese e consequentemente diminuir a capacidade reprodutiva dos machos.

Seleção de carneiros e ovelhas

Para um bom resultado na produção de cordeiros, devemos

Seleção do macho para reprodução

- 1 - Adquirir somente animais de boa procedência;
- 2 - Usar carneiros com exame andrológico e exames clínicos e sorológicos negativos para Brucelose;
- 3 - Utilizar a proporção de 3% de carneiros em relação ao número de ventres;
- 4 - Não utilizar carneiros excessivamente gordos;

Aspectos a revisar no macho

BOCA/DENTIÇÃO: dentes gastos ou com alterações que dificultem a mastigação, prognatismo;

OLHOS: entrópio (defeito hereditário).

MEMBROS: deformação nos membros, má conformação, foot rot;

LOMBO: determinação da condição corporal-CC, defeitos na coluna vertebral;

TESTÍCULOS: palpar os testículos para ver conformação, consistência, elasticidade e deslocamento dentro do saco escrotal, ausência de um testículo, circunferência, assimetria testicular, hipoplasia unilateral lateral, hipoplasia bilateral (testículos pequenos) degeneração testicular, epididimite, granulomas;

PREPÚCIO: úlceras e crostas prepuciais, cortes de esquila, fimose;

Seleção das fêmeas

- 1 - Descartar ovelhas que falham, com históricos de partos distócicos, que abandonam seus cordeiros ou com problemas reprodutivos;
- 2 - Encarneirar somente ventres com condição corporal adequada - CC - 3,0 a 3,5
- 3 - Não encarneirar borregas com baixo desenvolvimento corporal (60% do peso adulto);

Aspectos a revisar nas fêmeas

BOCA: dentes gastos ou com alterações na arcada dentária que dificultem a alimentação, defeitos genéticos que possam transmitir a seus descendentes (prognatia ou agnatia).

OLHOS: verificar a presença de enfermidades que possam transmitir ao resto do rebanho (cerato conjuntivite);

ÚBERE: verificar se existem úberes endurecidos (empedrados), temperaturas altas (possíveis infecções), falta de tetos, tetos muito curtos ou muito grossos que dificultem a mamada do cordeiro, tetos cortados pela esquila.

DEFEITOS ANATÔMICOS: deformação nos membros (aproveitar para retirar ovelhas com pietin), mordedura errada (prognatismo), má conformação, lã defeituosa, baixo nível zootécnico, esqueleto débil;

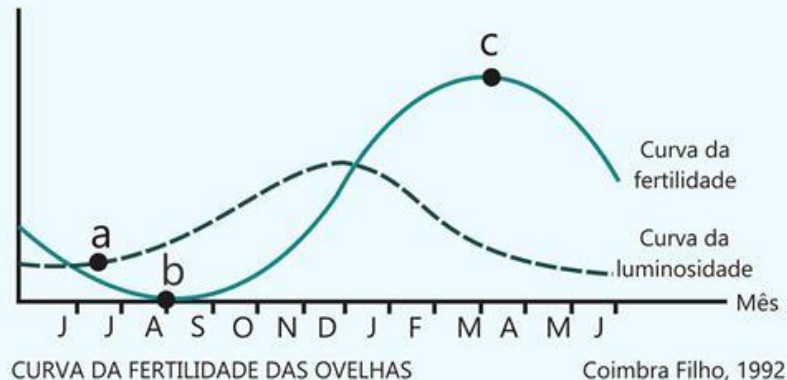
HISTÓRICO REPRODUTIVO: ovelhas que já abortaram, que apresentaram prolapso de



Variações de luz e fertilidade

De acordo com as estações do ano, as ovelhas apresentam sazonalidade reprodutiva, que são períodos de manifestação de cios ou de anestro (ausência de cio), que está relacionada às variações de luz e escuridão do dia (fotoperíodo);

- A reprodução da luminosidade em determinados horários, estimula a hipófise, aumentando a fertilidade das fêmeas;



- Ocorre em todas as raças, porém varia de intensidade segundo sua origem, sendo menos pronunciada em raças tropicais e nas raças nativas;
 - Machos também respondem positivamente ao fotoperíodo, aumentando a produção de sêmen na estação de monta;
- Dentro das raças ocorrem variações entre indivíduos e rebanhos. Normalmente o outono é a estação de maior fertilidade das fêmeas ovinas.

Se manifesta mais nos trópicos do que próximo à linha do equador. No Rio Grande do Sul se comportam de acordo com o quadro abaixo:

Raças	Estação reprodutiva	Anestro estacional
Merina	Final de Novembro a Agosto	Setembro a novembro
Ideal - Ile de France - Poll Dorset	Dezembro a Julho	Agosto a novembro
Corriedade - Texel	Fevereiro a junho	Julho a dezembro
Suffolk - Hampshire Down	Março a junho	Julho a fevereiro
Romney Marsh	Abril a julho	Agosto a março

- O fato de algumas ovelhas demonstrarem cio fora destes períodos não significa que o rebanho esteja

Para aumentar partos gemelares

- 1 - Seleção genética;
- 2 - Alimentação e condição corporal adequadas;
- 3 - Cobertura no período de máxima fertilidade;
- 4 - Redução do estresse;
- 5 - Uso de carneiros na proporção correta;



Manejo do carneiro

- 1 - Recomenda-se uma substituição anual de 25% dos carneiros por borregos.
- 2 - É importante a adaptação de novos carneiros ao campo e observar o comportamento com os outros machos, pois a disputa por hierarquia pode machucá-los, inclusive provocando a morte dos animais;
- 3 - Manter os carneiros em piquetes separados, limpos e de fácil acesso, próximo a sede, de forma que possam ser revisados com frequência;
- 4 - Importante cuidar dos carneiros para que não tenham bicheiras nos testículos, problemas nos cascos ou outros traumas que prejudiquem seu desempenho reprodutivo. Separar os carneiros doentes;
- 5 - Quando encarneirados em poteiros grandes, juntar o rebanho diariamente para facilitar o encontro dos carneiros com as ovelhas;

É importante lembrar que os cuidados com o carneiro devem começar no mínimo 60 dias antes do início do encarneiramento

Tipos de monta

MONTA NATURAL TRADICIONAL

É o encarneiramento onde os carneiros são soltos no rebanho e ficam até o fim do período estabelecido pelo produtor. Reunir o rebanho diariamente facilita o encontro dos carneiros com as ovelhas que estão em cio.

MONTA NOTURNA

Neste encarneiramento se coloca o carneiro com o rebanho somente a noite, visando utilizar o carneiro de forma mais eficiente, aumentando o número de ovelhas cobertas por temporada e diminuindo o período de nascimentos. No período diurno o carneiro deverá ficar em um poteiro de descanso com sombra e água fresca e alimentação adequada.

MONTA NATURAL DIRIGIDA

Neste tipo de encarneiramento os carneiros permanecem afastados do rebanho. Rufiões com tinta são colocados com as matrizes e aquelas que forem marcadas são separadas e trazidas uma vez ao dia e colocadas com os carneiros de maneira que ele cubra uma ovelha de cada vez. Esta técnica possibilita o uso de um carneiro para um maior número de ovelhas.

Tempo de encarneamento

O período ideal de encarneamento é de 45 a 60 dias. Períodos longos dificultam os cuidados do rebanho no nascimento, os registros e a formação de lotes homogêneos de cordeiros.

Parições concentradas têm a vantagem de produzir lotes de cordeiros mais uniformes, reduzir o tempo gasto no controle dos nascimentos, e facilitar o manejo das ovelhas e das pastagens.

No encarneamento de outono, em que a maior parte das ovelhas apresentam cio durante os primeiros dias, são suficientes 6 semanas.

Encarneamento com o uso de tinta

Este método visa a separação em lotes de parição homogêneas, facilitando os cuidados com o rebanho e aumentando o sucesso na parição.



- 1- Colocar rufiões sem tintas 20 dias antes do encarneamento para provocar o Efeito Macho;
- 2- É importante iniciar pelas cores mais fracas;
- 3 - Numerar com tinta as ovelhas marcadas de acordo com o seus lotes parição, pois a marcação do carneiro pode apagar até o parto.
- 4- Ovelhas com mais de uma marcação devem parir conforme a sua última cor.
- 5 - Após 142 dias do início da marcação com a tinta amarela, deverá começar o nascimento dos cordeiros do primeiro lote e assim sucessivamente nos demais lotes.
- 6 - Fêmeas não marcadas devem ser descartadas, cuidado com o falso negativo, ou seja, ovelhas que foram cobertas antes do encarneamento.

COMO PREPARAR A TINTA: utilizar 250g de tinta xadrez misturado com 1kg de graxa ou sebo. Passar diariamente no peito dos carneiros. Pode-se utilizar também coletes marcadores.

Época de acasalamento

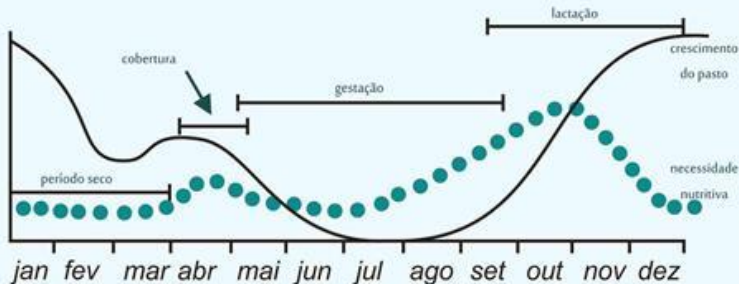
A época de nascimento de cordeiros

A época de acasalamento é uma ferramenta muito importante no manejo reprodutivo de rebanhos de cria em condições extensivas.

Pode ser empregada para que os nascimentos aconteçam em ambiente mais propício tanto no ponto de vista de condições climáticas quanto nutricionais.

Os nascimentos que ocorrem próximos da primavera trazem as seguintes vantagens:

- 1- Diminui a mortalidade dos recém nascidos, pelo clima mais favorável;
- 2- É favorecida a nutrição da ovelha no final da gestação, uma vez que os campos naturais já estão em plena recuperação e já começa a brotação dos pastos;
- 3- O pico da lactação ocorre já em condições ambientais que proporciona maior produção de leite, maior desenvolvimento do cordeiro, diminuindo os efeitos indesejáveis da lactação na produção quantitativa e qualitativa de lã.



CRESCIMENTO DO PASTO NATURAL E NECESSIDADES NUTRITIVAS Coimbra Filho, 1992



Os cuidados ao acasalar borregas

Alguns procedimentos de manejo podem auxiliar a eficiência dos animais jovens de primeira

- 1 - Proporcionar uma alimentação melhorada durante a recria e dar atenção no controle de endoparasitos, para alcançar um maior peso para cobertura.
- 2 - As borregas devem estar com o peso mínimo da raça e apresentar C.C. acima de 3,0.
- 3 - A nutrição das borregas gestantes deve ser bem planejada, pois além das necessidades para o seu crescimento ainda tem que gestar e amamentar um cordeiro.
- 4 - Separar os lotes durante a cobertura, encarneirando as borregas com os carneiros mais velhos e as ovelhas com os borregos.
- 5 - Separar as borregas de primeira cria no momento da parição proporcionando cuidados especiais para a mãe e a cria durante o parto. Estas muitas vezes não possuem uma adequada habilidade materna, o que as leva a abandonar os recém nascidos.
- 6 - As borregas apresentam maior probabilidade de trancar o cordeiro no nascimento.

COMO AVALIAR A TAXA REPRODUTIVA DO

$$\text{Taxa de fertilidade} = \frac{\text{Ovelhas paridas}}{\text{Ovelhas encarneiradas}}$$

$$\text{Taxa de prolificidade} = \frac{\text{Cordeiros nascidos}}{\text{Ovelhas encarneiradas}}$$

$$\text{Taxa de sobrevivência} = \frac{\text{Cordeiros desmamados}}{\text{Cordeiros nascidos}}$$

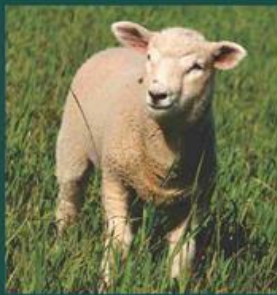
$$\text{Taxa de assinalação} = \frac{\text{Cordeiros assinalados}}{\text{Ovelhas encarneiradas}}$$

Cuidados no pré parto e parição

Cuidados durante a parição

O momento mais delicado da vida do ovino ocorre próximo ao parto até completar a primeira semana de vida, nesse período a mortalidade pode ser expressiva se alguns cuidados não forem tomados.

- Aumentar o cuidado na nutrição da ovelha no terço final da gestação, pois nos últimos 60 dias de gestação o cordeiro ganha aproximadamente 70 % do seu peso ao nascer.
- Cordeiros leves e fracos tem menos chance de sobreviver, e seu peso ao nascer está relacionado com a nutrição da ovelha no final da gestação. O mesmo pode ocorrer com cordeiros muito pesados, que podem mais facilmente trancar.
- Ovelhas fracas, muitas vezes abandonam os cordeiros.
- Revisar o rebanho de manhã e a tarde todos os dias, observando se tem alguma ovelha caída ou que precise de ajuda.
- Trazer o rebanho para um potreiro ou internada de fácil acesso perto das casas, para um melhor controle da parição. Pode-se fazer lotes de parição conforme a marcação da tinta ou pelo desenvolvimento da glândula mamária (amojo).



**CORDEIRO
SAUDÁVEL E FORTE
AO NASCER O
SORRO NÃO PEGA!!!**



Limpeza pré parto e parição

A limpeza da cabeça, do períneo e do úbere são importantes práticas de manejo no período pré-parto



A limpeza da cabeça facilita para a mãe enxergar o cordeiro e se deslocar em busca de alimento.



A limpeza do úbere facilita o acesso do cordeiro ao teto.



A limpeza do períneo reduz o risco de contaminação.

Cuidado: se for realizar a tosquia total, optar pelo método Tally Hai para diminuir problemas de

Parição



Logo após a bolsa estourar (30 a 60 minutos), o cordeiro começa a apresentar-se com a cabeça e as patas dianteiras para frente.

A ovelha tem contrações fortes e firmes, normalmente em posição deitada.

Comportamento da ovelha no parto:

- Fêmea se isola do grupo
- Preparação do "ninho"
- Acomodação
- Rompimento da bolsa
- Parto (até 04h após o rompimento da bolsa)
- Estímulo e limpeza da cria
- Expulsão da placenta
- Amamentação



Assistência a parição



QUANDO INTERFERIR:

Se, após 2 horas do rompimento da bolsa, o cordeiro não sair normalmente,

Lavar bem as mãos, usar luvas descartáveis e limpar bem a vulva da ovelha. Com o auxílio de vaselina ou outro lubrificante, colocar a mão dentro do canal vaginal e tentar identificar a real situação e agir conforme as instruções nas páginas seguintes.

Verifique se o canal vaginal oferece espaço para a passagem do cordeiro e se o mesmo encontra-se na posição correta.

QUANDO CHAMAR O VETERINÁRIO:

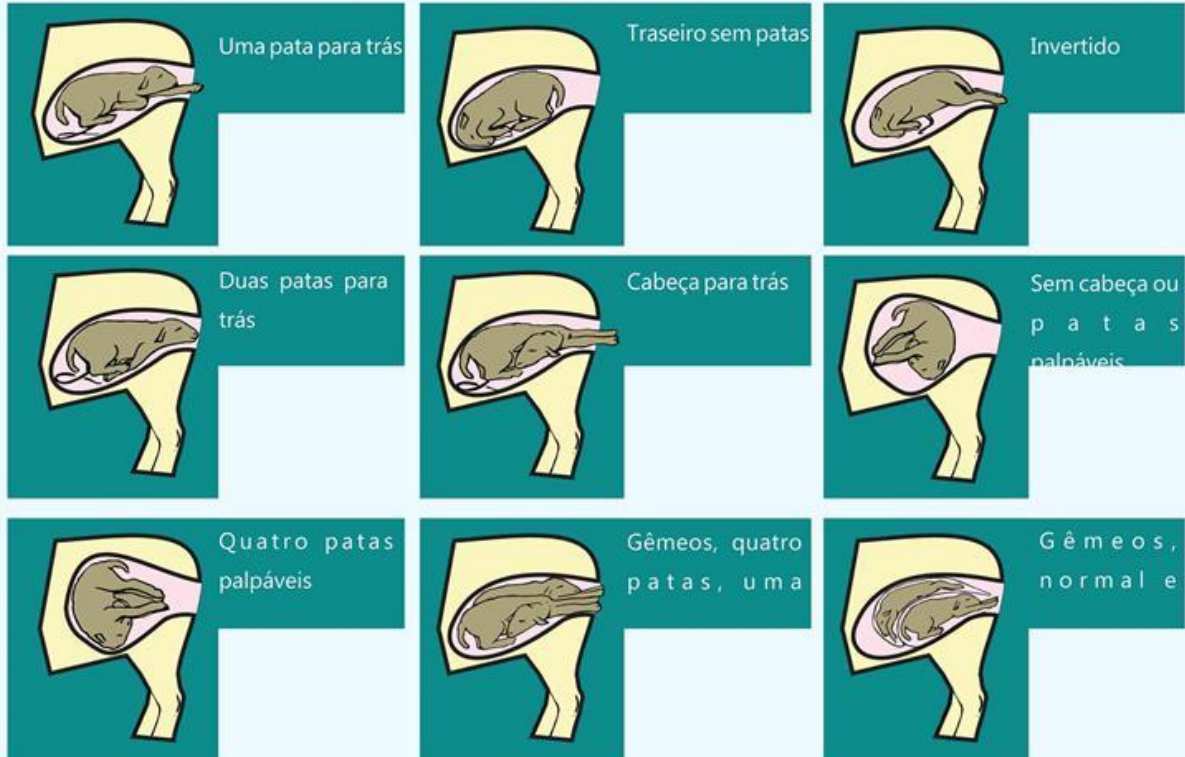
Se não houver abertura do canal vaginal após o rompimento da bolsa e a ovelha não reagir a aplicação de ocitocina.

Se o cordeiro não nascer normalmente e mesmo com a sua interferência não conseguir.

Se você não se sentir a vontade para tentar qualquer procedimento.

Tipos de distocia

Na maioria dos casos o mais simples é voltar o cordeiro para dentro do útero e tentar colocá-lo na posição normal e depois puxá-lo para fora. Em alguns casos o uso de cordas ou correntes pode ser necessário para a correta retirada do cordeiro. O processo todo deve ser feito delicadamente, evitando lesionar o cordeiro ou a



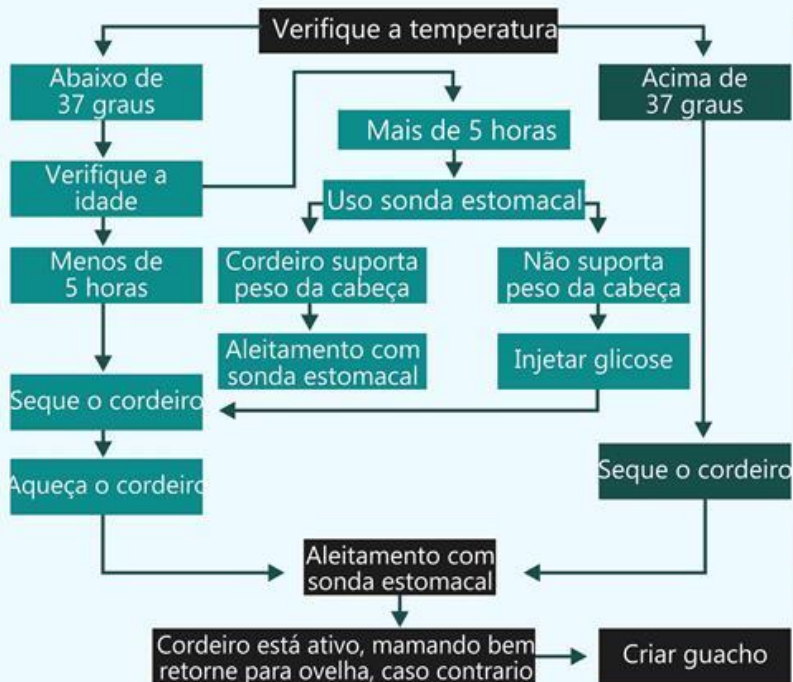
Cuidados ao recém-nascido

- Garantir maior contato mãe/filho e assegurar o consumo do colostro até 6h pós-parto;
- Manter cordeiros em observação nas 48h iniciais de vida;
- Ter sempre um banco de colostro
- Fazer sempre a desinfecção do umbigo
- Identificação do cordeiro (numeração com brinco ou tinta, colocando o número da mãe)

MATERIAL	USO
- Toalhas	- Secar cordeiros
- Termômetro clínico	- Detectar hipotermia
- Colostro (frascos para armazenamento e colheita)	- Cordeiros fracos ou rejeitados
- Sonda estomacal (adaptar sonda retal de uso humano nº 20) e seringa de plástico descartável de 60ml	- Administrar colostro
- Aquecedor	- Aquecer cordeiro
- Glicose a 20% (frascos de 200ml) e agulha 40x12	- Aplicação intra-peritória - cordeiros hipotérmicos
- Neomicina ou ampicilina oral	- Tratamento de Boca d'água
- Oxitetraciclina	- Aplicação em partos longos / distocia
- Ocitocina	- Auxiliar em partos / Descer colostro
- Glicerina / Propilenoglicol	- Tratamento nos casos de cetose

Hipotermia

Fluxograma para determinar o procedimento quando encontrar um cordeiro com hipotermia (encarangado)



Aplicação intraperitoneal de solução injetável de glicose a 20% no volume de 10 ml para cada quilo de cordeiro. Injetar de dois a três dedos abaixo do osso esterno, conforme o cordeiro.

Tratamento da hipotermia

TEMPERATURA RETAL ENTRE 39 E 37°C:

- Colostro/leite bovino, pré-aquecido a 39-42 °C - 50ml/kg, 3 a 4 vezes ao dia com mamadeira ou sonda estomacal:

TEMPERATURA RETAL MENOR QUE 37°C: (inapto para mamar)

- Glicose 20% intra-peritonal, pré-aquecida 39-40°C - 10 ml/kg;
- Aquecimento;

PROCEDIMENTOS:

- Controle da temperatura retal a cada hora;
- Utilização de caixas para aquecimento de cordeiros ou campânulas: fácil montar e baixo custo;
- Tratar de acordo com causa/agente.
- Material necessário ao atendimento do recém-nascido:
- Antibióticos e outros medicamento em cordeiros: preferencialmente de uso oral ou veículo não oleoso.

Administração de colostro por sonda



- Cordeiro recém nascido recebendo, por sonda estomacal, colostro descongelado.
- Deve receber pelo menos 50ml por quilo de peso vivo nas primeiras 6 horas de vida.
- Quando for usado colostro congelado, este deve ser descongelado colocando o frasco em um recipiente com água fervendo, agitando periodicamente até que descongele e que o colostro fique morno para ser fornecido ao cordeiro. Não descongelar em banho-maria no fogão, pois se o colostro passar de 56°C de temperatura os anticorpos

Aleitamento artificial

- Cordeiros sendo aleitados artificialmente com leite de vaca.
- Fornecer pelo menos 120ml de leite de vaca para cada quilo vivo de cordeiro guacho em pelo menos 3 mamadas diárias com intervalos regulares.
- Oferecer também ração para ovinos que não tenha nitrogênio não proteico (uréia) como fonte de proteína, no volume equivalente a 1% do peso do cordeiro.
- Por exemplo, um cordeiro de 5kg deve receber 50g por dia de concentrado, que deve ser trocado todos os dias mesmo que o animal



Temperatura

Como medir a temperatura



Temperatura retal

Categoria	limite máximo
Cordeiro	39,5° C
Adulto	39° C

- A temperatura deve ser medida diretamente na ampola retal (ânus), inserindo a ponta do termômetro com cuidado.
- O termômetro de mercúrio (analógico) deve permanecer no reto em torno de três minutos.
- Nunca medir a temperatura de cordeiros sob o sol.
- A temperatura retal pode variar conforme a temperatura externa e a maior ou menor presença de lã no animal.

Como manter seu rebanho saudável

- Revisar o rebanho diariamente;
- Fazer o manejo sanitário preventivo do rebanho, através de um calendário de procedimentos, vacinações e vermifugações táticas, conforme a sua região;
- Criar os animais em um ambiente limpo e higiênico;
- Fornecer alimentos e água frescos, com qualidade e na quantidade necessária;
- Isolar os animais que aparentarem doentes;
- Fazer quarentena para novos animais que entrem na propriedade;
- Examinar, desverminar, vacinar, e casquear todos os novos animais ;
- Pesquisar e avaliar sempre as causas das mortes do seu rebanho;
- Seleção e descarte de animais com doenças crônicas;
- Separar e manejar em grupos, por categorias e faixas etárias;
- Manter os animais em poteiros que possuam proteção contra chuvas, ventos e sol;
- Diminuir a incidência de moscas, outros insetos e roedores;
- Utilizar equipamentos limpos e desinfetados ou descartáveis;
- Reduzir o estresse do rebanho, através de um manejo adequado, sem cães, gritos etc.;

Principais doenças dos ovinos

DOENÇAS PARASITÁRIAS

Hemoncose
Verminoses gastrointestinais
Verminose pulmonar
Coccidiose (eimeriose)
Hidatidose
Cisticercose
Fasciolose (baratinha do fígado)
Sarna
Piolho
Miíases (bicheira)
Berne
Oestrose (bicho-da-cabeça)

Enfermidades causadas por parasitas (vermes, larvas de insetos, ácaros e piolhos)

DOENÇAS INFECT/CONTAGIOSAS

Clostridioses
Foot-rot
Ectima contagioso
Ceratconjuntivite
Epididimite
Linfadenite
Pneumonia
Mastite ou mamite

São enfermidades causadas por vírus, bactérias e fungos

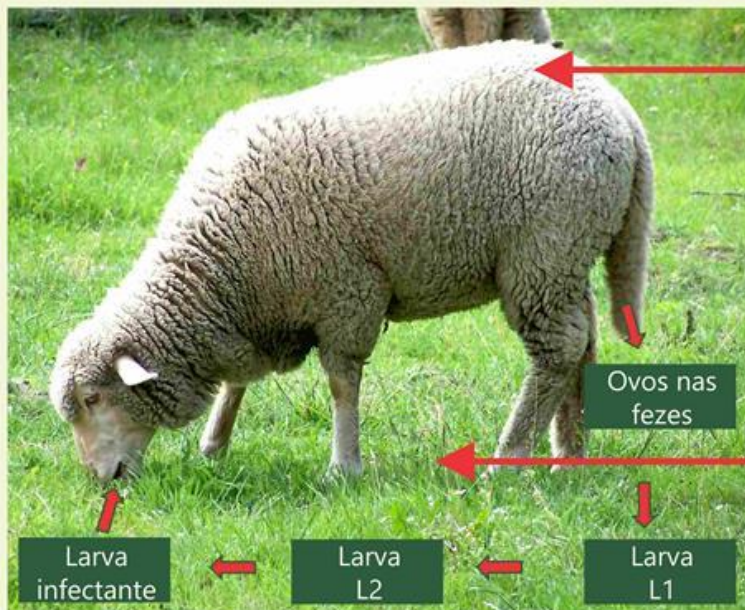
DOENÇAS METABÓLICAS/CARENCIAIS

Urolitíase (cálculo)
Toxemia da gestação (acetonemia)
Hipocalcemia
Hipomagnesemia

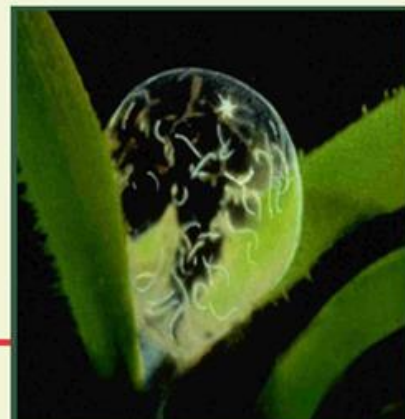
Enfermidades provocadas por desequilíbrios nutricionais

Doenças Parasitárias

Ciclo normal das verminoses



Apenas 5 % dos vermes



95 % dos vermes

Principais endoparasitoses (vermes)

LOCALIZAÇÃO	NOME CIENTÍFICO
Rúmem / Retículo	Paramphistomum spp.
Abomaso	Haemonchus spp., Ostertagia spp., Trichostrongylus axei
Intestino Grosso	Trichuris ovis, Oesophagostomun spp., Chabertia ovina, Eimeria spp.
Intestino Delgado	Cooperia spp., Trichostrongylus sp., Strongyloides sp., Nematodirus sp., Moniezia sp., Bunostomum sp. Etc.
Fígado	Cysticercus tenuicollis (Taenia hidatygera), Fasciola spp., Echinococcus granulosus
Pulmão	Dictyocaulus filaria, Muellerius capillaris, Echinococcus granulosus
Cavidade Peritoneal	Cysticercus tenuicollis (Taenia hidatygera)
Trato reprodutivo	Toxoplasma gondii
Músculos - Tecidos	Cysticercus ovis, Sarcocystis spp., Toxoplasma gondii

Hemoncose

AGENTES:

Haemonchus contortus

SINTOMAS:

- Acúmulo de líquidos abaixo da mandíbula (papeira) e na região peritoneal;
- Cansaço e fraqueza;
- Anemia (olho branco);
- Morte súbita em animais jovens, aparentemente saudáveis e "gordos");



Mucosa da ocular de coloração branca

Principal causa de perda no rebanho. Se

EDEMA SUBMANDIBULAR



TRATAMENTO:

É feito com o uso de anti-helmíntico oral ou injetável

CONTROLE:

O controle mais utilizado é o estratégico. É imprescindível identificar casos de resistência aos anti-helmínticos.

Outras verminoses

Gastrointestinais

AGENTES:

Trichuris spp. Trichostrongilus sp
Cooperia sp.
Strongyloides sp. Oesophagostomun

SINAIS CLÍNICOS:

Diarréia
Perda de peso
Lã eriçada
Ocorrência geralmente no inverno



Pulmonares

AGENTES:

Dictyocaulus spp.
Muellerius sp.

SINAIS CLÍNICOS:

Secreção nasal uni ou bilateral
Respiração difícil/Tosse/Dispnéia
Anorexia/Perda de peso
Pode apresentar diarréia

Controle de verminose

Ferramentas de controle

- Exame OPG (Contagem de ovos por grama) e coprocultura;
- Método F.A.M.A.C.H.A;
- Vermifugações táticas;
- Rodízio de poteiros;
- Consorciação com bovinos/lavouras;
- Manter lotação adequada de animais no poteiro;
- Reservar poteiros mais limpos para os cordeiros;

VERMIFUGAÇÕES TÁTICAS

IDADE	PERÍODO
CORDEIROS	- 60 e 90 dias de idade (previamente a vacinação)
OVELHAS	- Pré - cobertura; - Pós - parto (48hs); - Desmame
CARNEIROS	- Pré-cobertura - Trimestralmente
REBANHO	- Haemonchus: Períodos de calor e umidade - Outras verminoses: Períodos de frio e umidade

COLETA DE FEZES PARA EXAME DO REBANHO

Alguns pontos importantes devem ser considerados na hora de coletar as fezes dos animais para monitoramento do rebanho:

- Recomenda-se coletar as fezes de 10% dos animais de cada lote do rebanho (jovens e adultos);
- A coleta deve ser realizada diretamente no ânus do animal, com um saco plástico, vestindo-o com uma luva;
- Os saquinhos devem ser identificados com o número (brinco) ou nome do animal e com o lote e/ou categoria pertencente;
- As fezes devem ser acondicionadas em isopor com gelo assim que coletadas e encaminhadas ao laboratório no mesmo dia;
- Encaminhe juntamente com o material coletado a identificação do proprietário (nome, endereço e telefone para contato), além de incluir as informações importantes como a última data de vermifugação e o nome ou princípio ativo do produto utilizado.
- Coletar aleatoriamente, ou seja, não escolher os animais pelo estado ou que aparentem fracos, para não mascarar o resultado do exame.

COMO CALCULAR A EFICÁCIA DO VERMÍFUGO:

$$1 - \frac{\text{Média do OPG pós-tratamento}}{\text{Média do OPG pré tratamento}} \times 100$$

COLETA DE FEZES PARA TESTE DO VERMÍFUGO

Para testar se o vermífugo utilizado tem boa eficácia, a coleta deve ser realizada da seguinte forma:

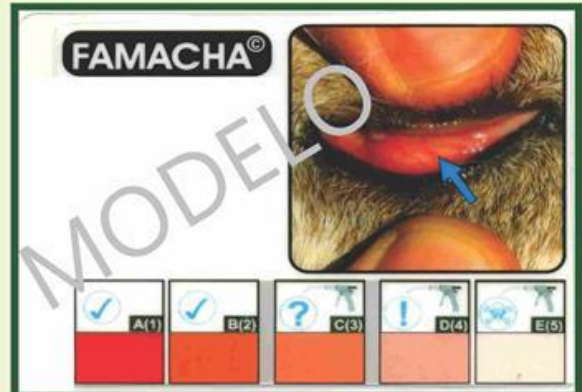
- Escolha os animais que serão dosificados a partir do resultado do exame de fezes do rebanho (opg acima de 800). Caso não tenha feito o exame anteriormente, escolha os animais mais magros e de pior aparência, colete as fezes e desvermine;
- Anote no saquinho de coleta a identificação do animal e o princípio ativo utilizado (nome do vermífugo);
- De 7-10 dias após a desverminação, coletar as fezes dos mesmos animais;
- Vermífugo deve apresentar eficácia superior a 90%;
- O princípio ativo deve ser descartado apenas quando apresentar baixa eficácia (menor que 90%), ou seja, quando já existe resistência dos parasitas ao produto.






Recomenda-se fazer periodicamente uma COPRO CULTURA (cultivo de larvas) para identificar os vermes responsáveis pela contaminação do rebanho.

Método F.A.M.A.C.H.A.®

Método sulafricano para identificação do grau de anemia através da avaliação da conjuntiva ocular. Utilizado apenas para hemoncose.

- 1 - Examine o animal sob luz natural ou suficiente;
- 2 - Observe a coloração na parte medial da conjuntiva;
- 3 - Determine o grau entre 1 e 5 e prossiga com o manejo;
- 4 - Na dúvida entre as categorias, opte sempre pela categoria inferior;
- 5 - Método usado para o controle do



-  Vermelha: Ótimo - sem anemia
-  Rosa avermelhada: Bom - Sem anemia
-  Rosa: Médio - dosificação conforme categoria / condição corporal
-  Rosa-pálido - Anemia - dosificação obrigatória
-  Pálida: Situação crítica - Anemia severa - dosificação obrigatória e tratamento suporte

Coccidiose/Eimeriose/Criptosporidiose

Agentes

Eimeria ovis

Sinais Clínicos

Diarréia, às vezes c/ sangue, inapetência (falta de apetite), perda de peso, desidratação, lã arrepiada,

Tratamento

Monensina, Sulfaquinoxalina, Sulfadoxina, Sulfaguanidina, Salinomicina, Lasalocida, Amprólio,

Prevenção

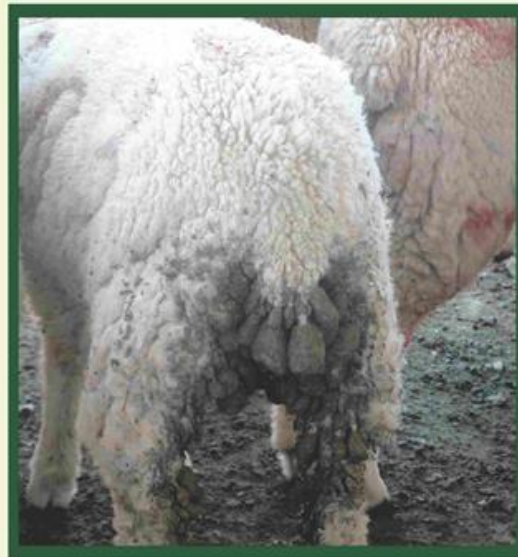
- Coccidiostáticos (4 semanas)
- Redução de estresse
- Regular lotações
- Separar lotes por tamanho/peso
- Higiene e desinfecção das instalações
- Alimentação adequada

Fatores predisponentes

Animais em confinamento, ambientes pouco

Desinfecção das instalações

Vassoura de fogo - Amônia quaternária - Fenóis



Hidatidose e Cisticercose

São zoonoses que tem como hospedeiro definitivo o cão, que se infecta através do consumo de carne e vísceras cruas ou mal cozidas. Além do males à saúde humana, estas doenças são responsáveis por grandes perdas econômicas nos frigoríficos que causam prejuízos ao produtor.

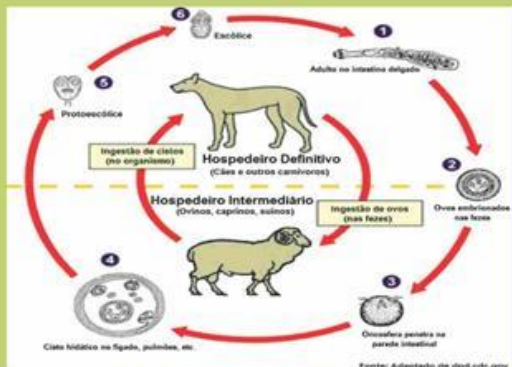
Agentes

Cisticercose - *Cysticercus ovis* - fase intermediária da *Taenia Ovis*

Localiza-se na musculatura esquelética e coração, formando pequenos cistos e pode provocar atrofia das fibras musculares.

Hidatidose - fase intermediária do *Echinococcus granulosus*

A larva pode produzir vesículas em órgãos como pulmão, fígado, rim e coração, de poucos milímetros até 6kg, que podem levar a oclusão ou compressão dos órgãos. Estas vesículas podem romper e levar a formação de novos cistos.



Ciclo evolutivo da Hidatidose

Modo de infecção

Sinais Clínicos

Não possuem sintomas clínicos específicos, que variam de acordo com o

Controle

- Vermifugação periódica dos cães;
- Não alimentar os cães com vísceras e carnes cruas ou mal cozidas;
- Controle da população de cães;



Hidatidose no fígado



Cisticercose no músculo

Fasciolose (baratinha do fígado, saguape)

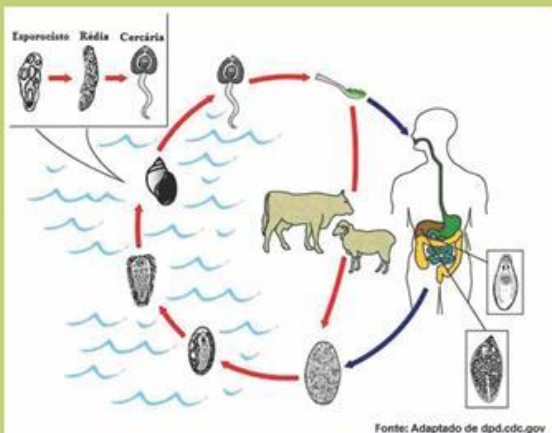
Agentes

Fasciola hepática

Tem como hospedeiro intermediário um caramujo que vive em banhados e libera as larvas no pasto.

Modo de infecção

Ingestão das larvas no pasto. Maior incidência em regiões de banhado, com alta umidade, geralmente nos períodos de outono e inverno.



Ciclo evolutivo da Fasciolose

Sinais Clínicos

Anemia, hepatite (coloração amarelada das mucosas), emagrecimento

Diagnóstico

Exame parasitológico de fezes; Presença de larvas no fígado em animais

Controle

Utilização de vermífugos previamente aos períodos de maior umidade;

Manter os animais em campos altos e secos;

Fornecer água limpa em bebedouros específicos.



Fasciola adulta

Lesão de fasciolose



Sarna e piolho

PIOLHO**AGENTES:**

Linognathus spp. (hematófagos)

SINAIS CLÍNICOS:

Coceira, irritação, prostração, perda de lã

TRATAMENTO:

2 (dois) tratamentos com intervalo de 12 a 15 dias:
Banho – Pulverização – Pour-on (Cipermetrina,

PROFILAXIA:

- 1- Tratamento tático obrigatório anualmente de 1º de março a 15 de abril.
- 2- Desinfecção das instalações.

**SARNA****AGENTES:****SINAIS CLÍNICOS:**

Coceira, irritação, prostração, perda de lã,

TRATAMENTO:

Tratamento conforme orientação da Inspeção Veterinária do seu município

PROFILAXIA:

- 1- Tratamento tático obrigatório anualmente de 1º de março a 15 de abril.
- 2- Desinfecção das instalações.



Miíases (bicheiras) e Bernes

Agentes Etiológicos

Miíase: *Cochliomyia hominivorax*

Tratamento

Retirada da(s) larva(s), limpeza do local e aplicação de matabicheiras.

Sinais Clínicos

Miíases: Presença de larvas vivas no local, necrose, cheiro fétido.

Controle

- Revisão frequente do rebanho
- Controle de moscas



Bicheira

Cochliomyia hominivorax



Cenurose e Oestrose

CENUROSE ou TORNEIO VERDADEIRO

AGENTES:

Coenurus cerebralis - fase intermediária da tênia
Multiceps multiceps. Se localizam normalmente no

MODO DE INFECÇÃO:

Ingestão de pastos contaminados pelas fezes dos

SINAIS CLÍNICOS:

Variam de acordo com a localização do cisto. Andar em círculos, perda da visão, paraplegia, andar com a

TRATAMENTO:

Cirúrgico

CONTROLE:

- Vermifugação periódica dos cães;
- Não alimentar os cães com vísceras e carnes cruas ou mal cozidas;
- Controle da população



OESTROSE (FALSO TORNEIO ou BICHO DA CABEÇA)

AGENTES:

Larvas da mosca Oestrus ovis

MODO DE INFECÇÃO:

Deposição de larvas na narina dos ovinos que

SINAIS CLÍNICOS:

Os animais se juntam e ficam de cabeça baixa na presença das moscas e tentam se livrar das larvas sacudindo a cabeça. Ocorre corrimento nasal uni ou bilateral, espirros, rinite, sinusite, dor, incoordenação

TRATAMENTO:

Uso de vermífugos com ação específica.

CONTROLE:

- Vermifugar no mínimo duas vezes ao ano com produtos oestricidas;
- Controle de moscas.



Doenças infecciosas

Clostridioses

ENTEROTOXEMIAS - TÉTANO - GANGRENA GASOSA - RIM - PULPOSO - EDEMA - MALIGNO - CARBUNCULO SINTOMÁTICO - HEMOGLOBINÚRIA BACILAR - BOTULISMO

Agente: Clostridium spp

Responsável por diversas doenças de quadro agudo, associados a morte súbita e tetanias em animais de todas as idades, principalmente em cordeiros.

Causas mais comuns

- Manejo inadequado ;
- Falta de higiene na castração, descole, banhos, casqueamento e vacinações; Inflamação do cordão umbilical;
- Trocas súbitas de alimentação;
- Campos sujos;

Prevenção

- Vacinações estratégicas;
- Limpeza dos equipamentos (tesouras, seringas, pistolas, agulhas)
- Uso de descartáveis;
- Campos limpos;
- Redução do estresse.

NÃO EXISTE TRATAMENTO



Esquema de vacinação

- Ovelhas: 30 dias pré-parto
- Cordeiros: 60 e 90 dias de idade
- Carneiros/borregos: a cada 6

** Por tratar-se de ZOONOSE é fundamental o uso de luvas no contato com as lesões**



Foot Rot (podridão dos cascos)

Agentes Etiológicos

Dichelobacter nodosus, normalmente associado ao Fusobacterium necrophorum, responsável pela

Sinais Clínicos

Manqueira (um ou mais membros), inchaço, aumento de temperatura no local, mau cheiro característico, febre, perda de apetite, invasão bacteriana secundária ou miíases

Fatores predisponentes

Períodos de alta umidade e calor;
 Áreas alagadiças;
 Ingresso ou manutenção de animais doentes ou crônicos;
 Estresse;
 Ausência de casqueamento periódico;
 Ocorre mais no outono e primavera onde ocorrem

DIFERENÇA ENTRE FOOT-ROT e FRIEIRA: FRIEIRA FOOT-ROT



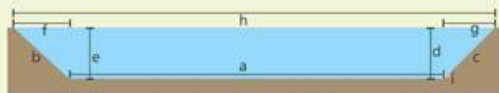
Tratamento

- Aparar o casco do rebanho periodicamente;
- Isolamento dos animais doentes (locais secos) e passagem no pedilúvio três vezes com intervalo de uma semana;
- Passar no pedilúvio os animais sadios e colocar em poteiros que estejam livres de ovinos por no mínimo, 15 dias (os infectados passar por últimos);

Controle

- Cautela na aquisição e informação sanitária dos animais;
- Quarentena na introdução de novos animais;
- Apara periódica dos cascos;
- Pedilúvio em regiões endêmicas;
- Manter os animais em terrenos altos e bem drenados.
- Descarte de animais crônicos no período seco;
- Vazio de 14 dias nos poteiros contaminados;
- Separar animais doentes para efetuar o tratamento;

A FRIEIRA ocorre na região interdigital, entre os cascos e não possui cheiro característico. Pode criar



MEDIDAS:
 a = 200 cm
 b = 30 cm
 c = 34 cm
 d = 16 cm
 e = 12 cm
 f = 27,5 cm
 g = 30 cm
 h = 257,5 cm
 i = Ø 25 mm
 j = 25 cm

Fonte: Hipra

PEDILÚVIO

- Formol 5%; ou
- Sulfato de Zinco – 10 a 20%; ou
- Sulfato de Cobre 10%
- Passar 1º animais sadios
- Manter animais por 5 a 10 minutos em contato com o produto;
- Trocar a solução do banheiro sempre que necessário;
- Não passar os animais mais do que 1 vez por

ESQUEMA DE VACINAÇÃO

	1ª Dose	2ª Dose	Revacinação
Outono	Abril	Maio	Anualmente nos meses indicados
Primavera	Setembro	Outubro	Anualmente nos meses indicados

- Dose: 2 ml intramuscular
- Local: tábua do pescoço

- É importante imunizar o rebanho antes dos períodos de risco, que coincide com as estações chuvosas.
- Os cordeiros estão aptos a receber a vacina a partir dos 03 meses de idade.
- Regiões com muita umidade deve ser realizada vacinação semestral, sempre com

Ectima contagioso / boqueira

Agente: Parapoxvirus

Sinais Clínicos

Lesões e crostas nos lábios, nariz e coroa do casco, prejudicando o desenvolvimento, pela dificuldade em se alimentar. Em fêmeas adultas pode apresentar



Prevenção

Vacina de vírus vivo, aplicação cutânea (na pele), por escarificação, a partir dos 7 dias de vida

Forma correta de vacinação:

- 1 - Limpar e desgordurar a área sem lã da face interna da coxa ou axila do animal. Não utilizar anti-sépticos para desinfetar a pele ou os escarificadores, já que pode inativar o vírus da vacina.
- 2 - Escarificar a área em forma de cruz de 2 cm aproximadamente, evitando sangramento.
- 3 - Colocar uma gota da vacina sobre a zona escarificada.
- 4 - Controlar a formação de uma pequena crosta na zona de aplicação até 7 dias posteriores à vacinação.

Tratamento

Limpeza da lesão, com retirada das crostas e Tintura de Iodo a 7%. Em animais de maior valor pode-se usar

**** Por tratar-se de ZOONOSE é fundamental o uso de luvas no contato com as lesões ****

Ceratoconjuntivite

Agentes Etiológicos

BACTÉRIAS: Moraxella bovis, Branhamella ovis
Chlamydia psitacci, Mycoplasma spp.,
Micrococcus spp., Streptococcus spp.
VÍRUS

Sinais Clínicos

Vermelhidão, conjuntivite, lacrimejamento,

Tratamento

Separação dos animais doentes (!!!) e reduzir exposição à luz
PARENTERAL: Tilosina, Tetraciclina, Enrofloxacina
TÓPICO: Tetraciclina, Neomicina, Clorfenicol
Sprays que contenham hidrocortisona em sua formulação devem ser evitados em caso de ulceração de córnea, assim como respeitada a distância de aplicação.

Prevenção

Cuidado na introdução de novos animais ao rebanho.
Vacina específica: aplicar previamente às estações secas. Vacinação e reforço 30 dias após



Brucelose Ovina - Epididimite

Sinais Clínicos

NO MACHO:

- 1 - Inflamação do epidídimo e/ou testículo
- 2 - Infertilidade temporária ou permanente
- 3 - Baixa taxa de prenhez ou aumento no período de parição

NA FÊMEA:

- 1 - no encarneamento: absorção embrionária
- 2 - ovelhas prenhes: aborto, vaginites e cervicites
- 3 - nos cordeiros: mortalidade perinatal. Os cordeiros nascem mortos ou morrem logo após o nascimento.



- Ocorre somente em ovinos
- Patologia venérea onde somente os machos são disseminadores da doença, não tem vacina, não tem tratamento;

Controle

- 1- Identificação, exame clínico e exame sorológico em todos os machos inteiros com eliminação dos animais positivos no exame clínico e sorológico.
- 2 - Manter os reprodutores isolados e somente permitir a entrada de novos reprodutores com exames clínicos e sorológicos negativos.
- 3 - Medidas no manejo em cabanhas:
 - a) Criar sem nenhum contato as novas gerações de cordeiros e borregos com os de mais idade;
 - b) Utilizar estes borregos sempre separados dos

Transmissão

- Contato sexual entre machos;
- Transmissão venérea entre machos e fêmeas;
- Não há persistência da infecção nas fêmeas;

Linfadenite Caseosa e Pneumonia

LINFADENITE CASEOSA (caroço)

Agente Etiológico

Corynebacterium psedotuberculosis

Sinais Clínicos

Linfonodos aumentados, abscessos com pus espesso e

Tratamento

Aplicação de iodo tópico;

Penicilina injetável por 10 dias.

Prevenção e Controle

- Cuidado na introdução de novos animais ao rebanho;
- Desinfecção de equipamentos perfurocortantes;
- Uso de descartáveis;
- Eliminação de animais doentes;



PNEUMONIA

Agente Etiológico

BACTÉRIAS: *Pasteurella* spp. - *Mycoplasma* spp. -

Chlamydia psittaci

PARASITAS: *Dictyocaulus filaria* - *Muellerius capillaris*

VÍRUS: Adenovírus Retrovírus - Herpesvírus

Sinais Clínicos

Prostração, cansaço, respiração difícil, febre, inapetência, tosse, presença ou não de secreção nasal;

Prevenção e Controle

quebra-ventos, abrigos contra chuva e vento, reduzir lotação e locais bem ventilados.

Tratamento

Diagnóstico da causa – Antibiograma;

Terapia de suporte: Antiinflamatórios, antitérmicos,

Descongestionante/expectorante, Antibioticoterapia.



Mastite ou Mamite

Sinais Clínicos

FORMA CLÍNICA: Alterações no leite - descoloração, presença de coágulos e pús; E na glândula - edema, calor, dor, e endurecimento.

FORMA SUBCLÍNICA: de difícil detecção - sem sintomas ou alterações visíveis. Exames indiretos: CMT

Agente Etiológico

Diversos

Principais: Staphylococcus spp. e Escherichia Coli)

Tratamento

MAMITE AGUDA:

- Coleta de material para isolamento do agente e Teste de sensibilidade a Antimicrobianos;
- Altas doses de Antimicrobianos diariamente até a melhora;
- Ordenhar totalmente a glândula;
- Instalações cômodas, tranqüilas, com água e alimento á vontade;

MAMITE CRÔNICA:

- Compressas quentes e massagens;
- Aplicação de Antimicrobianos 1 vez ao dia;

Prevenção

- Vacinação correta para alguns agentes causais ;
- Cama sempre limpa, principalmente no momento do parto;
- Separar e marcar animais a serem eliminados;
- Separar os filhotes para reduzir a produção de leite;
- Retirar água e comida para redução da produção de leite;
- Atenção com ovelhas muito leiteiras que perdem cordeiros ou com apenas 01 cordeiro.



Urolitíase

É a presença de precipitações de origem mineral, ou de

Sinais Clínicos

Apresentam arqueamento da coluna vertebral (dor), anorexia, inquietude, gemidos espontâneos. Na obstrução parcial a dificuldade urinária, esforço a urinar com pequenas quantidades de urina. Na obstrução total o prepúcio está seco e com presença de substâncias

Fatores Predisponentes

Desequilíbrios nutricionais, condições climáticas, influências hormonais, processos inflamatórios, etc.

Tratamento

O tratamento da urolitíase depende da localização do cálculo e pode ser tão simples como a retirada do apêndice vermiforme, processo este que permite a saída dos cálculos. A administração de analgésicos e antiespasmódicos pode ajudar a expelir naturalmente alguns cálculos.

Administração parenteral de espasmolíticos de ação

Prevenção e Controle

A urolitíase pode ser evitada através do fornecimento de uma alimentação adequada, em que a relação cálcio:fósforo seja de, pelo menos, 2:1, e nunca abaixo de 1:1.

Fenos de leguminosas (alfafa, trevo, etc.) são boas fontes de cálcio e uso de volumosos aumentará a ruminção e a salivação, aumentando a quantidade de fósforo excretado na urina.

Grãos de cereais (milho, cevada, etc.), têm uma relação não desejável de cálcio:fósforo variando de 1:4 a 1:6.

A ingestão inadequada da água faz com que a urina se torne mais concentrada, o que propicia a formação de cálculos.

Local do corte do apêndice vermiforme



Toxemia da prenhez - Cetose

A Toxemia de prenhez geralmente ocorre no final da gestação em ovelhas com prenhez múltipla ou de

Fatores Predisponentes

Deficiência nutricional

Estresse causado por mudanças na alimentação, transporte, doenças.

Ocorre em ovelhas com baixa CC (condição corporal 2,0 ou menor) ou muito gordas

Tratamento

- Aplicação de glicose 20%, 200 a 500 ml EV;
- Glicerol ou propilenoglicol, 200 ml V.O. - 4 vezes ao dia;
- Reposição de fluidos e eletrólitos, 200 ml EV, a cada 4 a 6 horas;
- Borogluconato de cálcio 20% EV, para evitar o surgimento de uma hipocalcemia;
- Solução supersaturada de açúcar ou mel - 100ml VO por dia;
- Corticosteróide - 8 a 16 mg EV, para induzir o aborto;

Prevenção e Controle

Nutrição adequada durante toda a gestação, principalmente no terço final.

Identificar prenhez múltiplas através da ultrassonografia.

Avaliação da condição corporal (CC).

Evitar situações de estresse antes do período da parição (transporte, mudança de alimentação, infestação parasitária)

Sinais Clínicos

Dificuldade locomotora, convulsões, sintomas



Hipocalcemia / Hipomagnesemia

Doenças carenciais que ocorrem nas proximidades do parto, geralmente logo antes ou

Fatores Predisponentes

Deficiência nutricional - alimentação pobre em Ca e Mg
Súbita mudança na dieta: pastagens secas e luxuriantes
Estresse calórico e de transporte.

Prevenção

Suplementação mineral adequada durante toda a gestação, principalmente no terço final.
Evitar situações de estresse antes do período da parição.

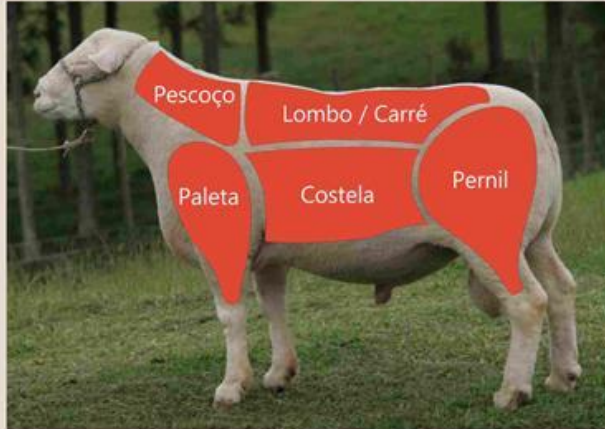
Sinais Clínicos

Tetânicas, incoordenação motora, paralisia, coma e morte.
Hipocalcemia: 04 semana pré-parto até 2 semanas pós-parto.
Hipomagnesemia: 04 a 06 semanas pós-parto.

Tratamento

Hipocalcemia: aplicar borogluconato de cálcio 20%, 50 a 100ml EV
Hipomagnesemia: Borogluconato de Ca + Cloreto de Mg 3,9%, 20 a 30 ml EV, ou Sulfato de Mg - 50 ml

Qualidade da carcaça e da carne ovina



A qualidade da carcaça e da carne ovina é avaliada segundo alguns fatores:

- 1- Idade do animal: animais jovens produzem carne com sabor mais suave, mais macias, com menor quantidade de gordura, e características sensoriais mais apreciadas pelo consumidor
 - 2- A raça do animal: cada tipo de ovino tem uma função, e animais tipo carne, apresentam melhores carcaças do que animais tipo lã ou leite.
 - 3- Quantidade de gordura: conforme o animal vai amadurecendo, vai aumentando a quantidade proporcional de gordura depositada na carcaça. Animais com excesso de gordura não são desejáveis, da mesma forma animais sem gordura de cobertura apresentam carcaças com aspecto inadequado e carne menos saborosa.
 - 4- Sistema de produção: nos sistemas mais intensivos, os animais crescem mais rapidamente e apresentam melhores carcaças;
- Alimentação: o animal é fruto do que come, os alimentos ingeridos pelo ovino, podem alterar positiva ou negativamente o sabor da carne.

Composição em 100 g de carne assada

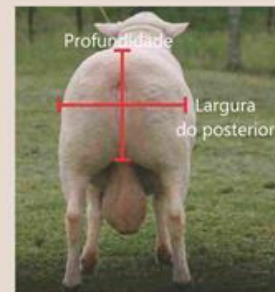
Origem	Caloria	Gordura (g)	Gordura saturada (g)	Proteína (g)	Ferro
Ovino Adulto	252	17,1 - 32,8	7,82	14,4 - 24	1,50
Cordeiro	163	9,5	5,40	19,3	1,50
Bovino	244 - 263	17,1 - 18,1	7,29	18,7 - 25	3,11
Suino	216 - 332	16,6 - 25,7	9,32	15,5 - 24	2,9
Frango	129	3,7	1,07	24 - 25	1,61

Avaliação do exterior

Quando se avalia um ovino buscando um bom produtor de carne, alguns aspectos devem ser observados, além dos já mencionados neste manual:

- 1- Largura do posterior: é a distância entre as laterais do posterior, quanto maior, mais convexa será a carcaça, e portanto vai produzir mais carne;
- 2- Profundidade do posterior: da mesma forma quanto mais profundo for o posterior, ou a distância entre o lombo e o entre-pernas, mais carne vai produzir a carcaça.
- 3- Comprimento de lombo: normalmente o corte mais valorizado do ovino é o carré. Quanto mais comprido for o animal, maior peso terá deste corte;
- 4- Largura de lombo: também influencia na quantidade e qualidade do

A área de olho de lombo, é uma medida transversal do músculo longissimus dorsi (músculo do lombo), feita através de corte na carcaça, ou com o ultra-som no animal vivo. Ela estima a musculosidade e consequentemente a produção de carne da carcaça. Normalmente também se mede a quantidade de gordura de cobertura que recobre este músculo, que deve ser na medida certa para melhor qualidade de carcaça e carne.



Classificação da lã de velo



MERINA

Até 22,0 micras

Merino Australiano



AMERINADA

22,1 - 23,4 micras

Merino Australiano / Ideal



PRIMA A

23,5 - 24,9 micras

Ideal



PRIMA B

25,0 - 26,4 micras

Ideal



CRUZA 1

26,5 - 27,8 micras

Corriedale



CRUZA 2

27,9 - 30,9 micras

Corriedale



CRUZA 3

31 - 32,6 micras

Romney March



CRUZA 4

32,7 - 34,3 micras

Romney March



CRUZA 5

34,4 - 36,1 micras

Romney March



CRUZA 6 / CRIOULA

Acima de 36,2 micras

Crioula

Classificação de outras de lã



BORREGO



CRUZAMENTO
BRANCO



CRUZAMENTO
PRETO



PRETA



CAPACHO



RETOSA



MANCHADA



DESCOLE



LÃ ROSADA



GARRA

Características da lã

AVALIAÇÃO DO VELO



COMPRIMENTO DE MECHA / RAÇAS

CLASSES DE LÃ	RAÇA	CENTÍMETROS / ANO
Fina	Merino	4 - 8
Medianamente Fina	Merino Australiano	8 - 10
Prima	Ideal	8 - 12
Cruza Fina	Corriedale	10 - 14
Cruza Média	Romney Marsh	12 - 16
Cruza Grossa	Lincoln	18 - 30

ESCALA DE CLASSIFICAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA	DIÂMETRO EM MICRAS	ONDULAÇÕES P/ POLEGADA	CLASSIFICAÇÃO BRADFORD	RAÇAS PRODUTORAS
Merina fino	15 - 16	22 - 24	100's	Merino
Merina fino	16 - 17	20 - 21	90's	Merino
Merina fino	17 - 18	18 - 19	80's	Merino
Merina	19 - 22,0	16 - 17	70's	Merino
Amerinada	22,1 - 23,2	16 - 17	64's	Merino - Ideal
Prima A	23,5 - 24,9	12 - 13	60's	Ideal
Prima B	25,0 - 26,4	12 - 10	58's	Ideal
Cruza 1	26,5 - 27,8	8 - 9	56's	Corriedale
Cruza 2	27,9 - 30,9	6 - 7	50's	Corriedale - Romney
Cruza 3	31,0 - 32,6	4 - 6	48's	Romney Marsh
Cruza 4	32,7 - 34,3	3 - 5	46's	Romney Marsh
Cruza 5	34,4 - 36,1	2 - 3	44's	
Cruza grossa 4	36,5 - 41,9	1 - 2	40's	
Cruza grossa 5	42 - 44,9	2	36's	
Crioula	45 acima		-	Crioula

QUALIDADES DA LÃ

- Isolante e regulador térmico;
- Não esquenta tanto sob o sol (mantém a temperatura do corpo em média 5 a 8 graus mais baixa em comparação com tecidos sintéticos expostos ao sol);
- "Respira" no corpo;
- É naturalmente elástica, portanto mais confortável;
- Não amassa;
- Não propaga fogo;
- Absorvente
- Durável
- Antialérgica
- Terapêutica

Dicas para uma boa esquila

- 1 - ESQUILAR O MAIS CEDO QUE O TEMPO PERMITIR - as lesões causadas pelos cortes irão curar antes da época das moscas;
- 2 - VOCÊ PODE FAZER A ESQUILA ANTES DO PARTO - PRÉ PARTO - isto trará vantagens para a ovelha e o cordeiro no parto;
- 3 - NUNCA ESQUILAR QUANDO A LÃ ESTIVER MOLHADA OU ÚMIDA - a lã úmida pode mofar;
- 4 - ESQUILAR SEMPRE SOBRE UM PISO LIMPO OU SOBRE UM ESTRADO - isto facilita a limpeza e evita a contaminação de lã com outros elementos;
- 5 - EVITAR A RETOSA - esta lã não tem aproveitamento no velo e representa perda para o produtor;
- 6 - PROCURAR ESQUILAR DEIXANDO O VELO SEMPRE INTEIRO - sem a lã das patas, da barriga e do períneo;
- 7 - RETIRAR A LÃ CONTAMINADA DO VELO FAZENDO O DESBORDE - lã com esterco e urina;
- 8 - SEPARA AS OVELHAS EM LOTES DE ACORDO COM A RAÇA E TIPO DE LÃ - não misturar as lãs de finuras e de cores diferentes. Varrer o chão para não haver contaminação;
- 9 - PRENDER AS OVELHAS QUE VÃO SER ESQUILADAS NO OUTRO DIA - pois assim

Esquila

É o processo de retirada da lã dos ovinos que pode ser feito com tesoura manual ou elétrica.

- Esquila deve ser feita todos os anos tanto nas ovelhas como nos cordeiros. Você pode esquilar ou contratar um esquilador.

Métodos de esquila

EXISTEM DOIS MÉTODOS UTILIZADOS PARA ESQUILAR UM OVINO:

- Esquila MANUAL ou a MARTELO : é realizada com tesoura manual;
- Esquila MECÂNICA ou a MÁQUINA: é realizada com uma tesoura que pode ser elétrica ou um motor elétrico que alimenta

Tipos de esquila

- ESQUILA DE PRIMAVERA/VERÃO - PÓS-PARIÇÃO: é realizada normalmente a partir de setembro e vai até fim de dezembro.
- ESQUILA DE INVERNO - PRÉ-PARTO: é realizado normalmente nos meses de maio e junho, antes de começar a parição do rebanho.
- ESQUILA DE OUTONO - PRÉ-ENCARNEIRAMENTO: é realizado antes do encarneiramento do rebanho.

Esquila Tally Hi

A TALLY HI é o método de esquila mais usado no mundo. É feita com o uso de tesoura elétrica sem maniear o ovino. O ovino é esquilado totalmente solto e fica entre as pernas do esquilador. Isto evita que o animal sofra e possibilita ao esquilador trabalhar com as duas mãos soltas.

Retira-se primeiro a lã da barriga e patas e

O primeiro passo consiste em prender firmemente o ovino entre as pernas, estando o animal colocado verticalmente e apoiado no solo pela anca. Em seguida levantar a pata dianteira direita, levando-a para trás e para a esquerda do tosquiador, firmando-a entre a própria cabeça e o corpo do esquilador. Com a mão esquerda segurar a pata dianteira esquerda, flexionada, ficando a mão direita livre para manejar a tesoura. Com isto se estende a pele da barriga.

Iniciar tosando o peito, com pequenas passadas da tesoura, seguindo-se então, o primeiro corte vertical ao longo da barriga, no lado esquerdo, que deixa uma listra logo alargada pelo segundo corte, conforme indicado na figura. O terceiro, também de cima para baixo, segue pela parte direita da barriga, devendo deixar uma listra em linha reta ao longo do corpo. O trabalho é facilitado pela ação da mão esquerda, que, a partir do segundo corte, larga a pata esquerda e passa a estirar a pele da região ou a afastar a lã já tosada. A lã que ainda permanece na barriga é tosquiada





2

Há uma mudança gradativa na posição do ovino, que é mantido seguro com o braço esquerdo. A pata dianteira direita cai entre as pernas do tosquiador. Em seguida começa a operação na pata traseira direita, esquilando a parte interna da mesma em direção ao casco, seguindo uma linha horizontal. O segundo movimento, de retorno, parte da pata direita até a esquerda, abrangendo toda a face interior da coxa direita, entrepernas e coxa esquerda. Na pata traseira esquerda se corta a lã de cima para baixo, conforme ilustração. Os órgãos sexuais devem merecer especial atenção durante a execução desta fase. Tudo se ajusta a um plano bem traçado, para ganhar tempo e causar o menor incômodo ao animal.



3

Manter o ovino apoiado, fazendo-o descansar contra as pernas do tosador, de modo a que o lado esquerdo do animal fique para cima a fim de mantê-lo imóvel através de pressão que se faz no vazio com a mão esquerda. O mesmo procedimento serve também para que o animal levante a pata que se vai tosquiar. O corte da lã se realiza com sucessivas passadas perpendiculares e paralelas, desde a pata até a cola.



Levar para trás sua perna esquerda para que o animal fique quase totalmente deitado. Com a mão esquerda ele oprime o lombo fortemente, sem violência, para sujeitar o animal e estender a pele, para não o ferir. Em passadas paralelas, tosar a lâ da anca em movimentos que se iniciam na cola, em passadas que não devem ultrapassar uma linha imaginária ligando ambas as virilhas. A seguir, no sentido do focinho para a nuca, passar a tosquia a parte superior da cabeça (topete), segura com a mão esquerda e firmada de encontro à perna direita.



Colocar a perna direita entre as patas do ovino, procurando levantá-la, ao mesmo tempo em que segura e leva para trás a cabeça. As passadas da tesoura vão de baixo para cima. O primeiro corte (sobre a região da garganta), é um tanto superficial e serve para mostrar a presença de dobras da pele, que devem ser respeitadas. A segunda passada é paralela abrangendo o lado direito da cara e a orelha. O terceiro corte se realiza estendendo-o à nuca, parte do pescoço e da paleta. Largando a cabeça, a mão esquerda passa a auxiliar na distensão da pele. A perna esquerda deve auxiliar a contenção, apoiando o dorso do ovino. As manobras a seguir não estão representadas no desenho.



6

Afastar a perna esquerda para trás levantando-se a cabeça do animal, que será retida pelo braço do tosador, a fim de permitir a tosa do resto da paleta e da pata dianteira esquerda. A mão esquerda auxilia na distensão da pele, ora estirando-a, ora segurando a pata dianteira esquerda, que é imobilizada ou movimentada desde a extremidade, visando-se facilitar a retirada da lã.



7

Deita-se a ovelha sobre o dorso para tosquir a parte das costelas que vai até ao espinhaço, o que se procede por meio de cortes paralelos, ao longo do corpo, desde o começo da anca para diante. As patas dianteiras ficam flexionadas para que não passem pela parte externa da perna esquerda do tosador. A pata posterior esquerda fica distendida para cima e para trás, enquanto a direita permanece entre as pernas do esquilador.



8

Segurando a nuca com a mão esquerda, passar sua perna direita por fora da pata posterior do ovino, de forma a deixar o animal deitado sobre seu pé esquerdo e reunindo as quatro patas entre suas pernas. A mão esquerda evita que o animal levante a cabeça. Fazem-se duas passadas, tão largas quanto possível, para ganhar tempo. Nesta fase fica tosquiado todo o lado esquerdo do ovino.



9

A perna direita avança da anca para as cruzes, suspendendo a cabeça com a mão esquerda para permitir a tosa do lado direito do pescoço por meio de cortes de cima até a paleta. Soltar a pata dianteira direita, para tosquiado parte da paleta, avançando pela canela da ovelha, já que o ovino instintivamente procura assentar o casco para firmar-se, estendendo esta parte do corpo e facilitando o movimento da tesoura. Em todas estas etapas o operador tem que trabalhar com ritmo equilibrado, pois é essencialmente importante que o animal permaneça tranqüilo, sem ser submetido a sacudidas

10



Passar a perna esquerda para trás, ajudando a mão esquerda que toma da queixada para soerguer o ovino, que fica equilibrado e apoiado nas pernas do tosador. Os cortes são longos e paralelos, desde a paleta até o flanco terminando na pata, desde o lombo.

11



Para facilitar esta última parte, comprimir com a mão esquerda a ilharga e assim contribuir para a distensão da pele, com o ovino estendendo a pata, conseqüentemente. Terminada a tosquia desta região, o animal fica totalmente desprovido da lâ, que constitui um velo inteiro, sendo então liberado por entre as pernas do tosador, saindo para trás.

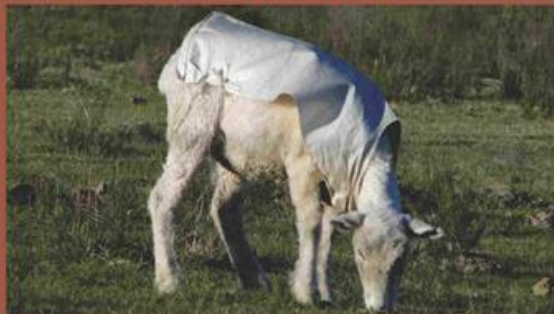
O mais importante na esquila TALLY HI não é só saber manejar a tesoura, mas também saber imobilizar a

Esquila pré-parto

- Melhor qualidade dos velos;
- Facilitam na amamentação;
- Ovelhas sem cordeiro ao pé;
- Menor risco de cortes de tetos;
- Fácil identificação das ovelhas falhadas;

- Risco de mortalidade de ovelhas pelas condições climáticas adversas no inverno;
- A maior incidência de chuvas no período poderão estender a esquila;
- Impossibilidade de banho pós tosquia.

CAPAS PARA OVINOS



O uso de capas para ovinos normalmente é praticado nas propriedades que utilizam a esquila pré-parto. É realizada normalmente entre os meses de junho e julho, antes de começar a parição. Como são meses de inverno, existe a necessidade de se proteger as ovelhas contra a chuva, o frio e as geadas. Normalmente é feita com sacos plásticos, mas podem ser encontradas prontas.

VANTAGENS:

- 1 - Baixo custo;
- 2 - Facilidade de manuseio;
- 3 - Protege contra chuva e frio;
- 4 - Permite a utilização da esquila pré-parto

MOODO DE USAR:

Deve ser colocada imediatamente após a esquila. A parte anterior apresenta um orifício para ser colocado pela cabeça, e nas patas é amarrada com tiras de borracha ou fitilho.

Retirar após 1 semana ou se o clima estiver mais quente.

MEDIDAS:

Pequena - 58cm x 80cm

Média - 58cm x 90cm



Leite ovino



O leite de ovelha é um dos produtos mais nobres da ovinocultura. Pode ser usado para fabricação de inúmeros produtos tais como queijos, iogurtes, sorvetes, doces, cosméticos, etc. São necessários em média 5 litros de leite para se produzir 1kg de queijo. O leite de ovelha possui 60% mais cálcio que o leite bovino e

	OVELHA	CABRA	VACA
<i>Energia (Kcal)</i>	107	68,8	61,4
<i>Proteínas (g)</i>	5,98	3,56	3,29
<i>Lípidios (g)</i>	7	4,1	3,34
<i>Carboidratos (g)</i>	5,36	4,45	4,66
<i>Cálcio (mg)</i>	193,4	133,5	119,4
<i>Ferro (mg)</i>	0,1	0,05	0,05
<i>Magnésio (mg)</i>	18,36	13,97	13,44
<i>Fósforo (mg)</i>	158	110,7	93,4
<i>Vitamina C (mg)</i>	4,16	1,29	0,94
<i>Vitamina B-12 (mcg)</i>	0,711	0,065	0,357



Prática e higiene da ordenha

A boa conduta da ordenha mecânica é fundamental para a produtividade, qualidade do leite e saúde das ovelhas. Uma boa rotina de ordenha implica em respeitar uma sequência: colocação das teteiras – massagem intermediária (5 segundos por animal) – retirada das teteiras. Este tempo deve ter a totalidade de 2min. e 30 seg. (máximo 3 minutos). Um tempo superior pode induzir mastites.

No momento da manipulação das teteiras, na fase de massagem e retirada, deve-se evitar provocar a entrada de ar. A retirada das mesmas só deve ocorrer delicadamente após o corte do vácuo.

Um leite de qualidade em início de lactação deve conter uma matéria seca útil com uma relação mínima entre gordura/proteína = 1,25 e gordura/extrato seco = 56%.

O objetivo, em termos de qualidade do leite, é de se ter uma contagem total de germes/ml <200.000 (máximo 500.000), coliformes totais/ml <1.000, esporos butíricos/ml <1.500.

Para a limpeza da ordenhadeira, várias metodologias são possíveis. A mais utilizada é a limpeza por método alternado:

Manhã: 1. enviar água a 96°C para eliminar o leite residual / 2. Fazer a lavagem com detergente ácido durante 3 minutos / 3. Continuar o enxague por quatro minutos com água a 96°C.

Tarde: 1. Enxague com água morna para eliminar o leite residual / 2. Lavagem com detergente alcalino a 70°C, deixando circular por 10 minutos / 3. Enxague com água limpa.

Devemos nos assegurar que as soluções de limpeza estejam bem distribuídas; que a entrada de vácuo seja limpa pelo menos a cada 15 dias e assegurar-se que as extremidade da canalização de leite tenha ligação com a canalização de água para que não fique nenhum resíduo de leite.

Troca das teteiras de silicone a cada duas temporadas de ordenha e as mangueiras de borracha e conexões de borracha dos lactodutos a cada 3 anos.

Observar as recomendações técnicas de ordenhas para ovinos que são diferentes que a de bovinos e caprinos. Recomenda-se um nível de vácuo de 36 kPa em linha baixa e 38 kPa em linha alta com relação 50/50 ou 60/40 e 180 pulsações por minuto (para a raça Lacaune). Pode haver outras recomendações para raças leiteiras com características de ejeção de leite diferentes.

Alimentação das ovelhas

A alimentação correta das ovelhas é fundamental para que se atinja esses resultados. Desta forma, deve-se garantir um estoque adequado de volumoso de qualidade e concentrados equilibrados para se manter uma lactação longa e produtiva. Para se obter os objetivos mínimos de condição corporal nos diferentes estágios fisiológicos nos animais, deve-se medir pelo menos uma amostragem de 20 ovelhas de 10 borregas para poder monitorar sua evolução e determinar a conduta de alimentação dos animais. Cada ponto de condição corporal equivale a aproximadamente 11-13% do peso vivo do animal:

Indicação da condição corporal em diferentes períodos fisiológicos

Período	- 2 meses	- 1 mês	Parição	1º mês de ordenha	2º mês de ordenha	- 15 dias	Cobertura	+ 15 dias
Objetivo mínimo	3	2,25	3,5	3,25	2,5 a 2,75	= 3	3,25	3,25 a 3,5

Manejo da parição

- **Opção 1:** Deixar os cordeiros com as mães de 23 a 30 dias. As ovelhas devem ser esgotadas pelo menos uma vez ao dia já desde o segundo dia após a parição para que se evite mastites.
- **Opção 2:** Retirar os cordeiros com 2 a 3 dias de idade, colocá-los em amamentação artificial e submeter as ovelhas à ordenha duas vezes ao dia. O leite pode começar a ser aproveitado para a industrialização normalmente 5-7 dias após a parição. Animais com CMT (California Mastitis Test) negativo podem ter o leite utilizado.
- **Opção 3:** Retirar os cordeiros imediatamente após o parto, secá-los e fornecer colostro artificialmente nas primeiras 48hs antes de passar para a amamentação



Alimentação dos cordeiros

Após uma semana de idade, os cordeiros devem ser apartados das mães 4-6 horas por dia e colocados em ambiente com bom feno, ração inicial de boa qualidade, complemento mineral vitamínado e água limpa à vontade. No caso de aleitamento artificial, o leite do equipamento pode ser cortado para forçar o consumo de sólidos (pré-desmame).

No desmame, as cordeiras devem pesar pelo menos 12kg e ter dentes capazes de mastigar sólidos eficientemente. As cordeiras podem receber concentrado à vontade até os 3 meses de idade. Em seguida, a alimentação deve ser calculada para que não tenham um ganho de peso acima de 160g/dia até os 10-11 meses de idade, quando podem ser colocadas em cobertura. As borregas Lacaune podem ser cobertas com 2/3 do peso vivo se tiverem bom desenvolvimento, ou seja, com 42-45kg. Deve-se prever uma renovação de 30% das fêmeas ao ano, com animais de morfologia correta, origem genética conhecida e de qualidade e boas condições sanitárias.

Deve-se ter cuidado para que qualquer transição de alimentação seja lenta e ao longo de 3 semanas para se obter uma boa adaptação flora ruminal, principalmente em momentos críticos como pré e pós-parto.

Normas básicas de ambiente

Área por ovelha confinada: 0,8m² (superfície suplementar por cordeiro em produção leiteira de +0,1 a 0,2m²/ovelha);

Cochos: 3 ovelhas por metro linear + 10-15% em fim de gestação e aleitamento;

Volume de ar: mínimo de 6m³/ovelha – Temperatura mínima para recém-nascidos de 12°C. Usar aquecedores se necessário;

Largura mínima das baias: 3,5m com cocho de um lado ou 5m com cochos dos dois lados;

Cama: deve ser limpa e com aplicação periódica de cal virgem.



Como curtir um pelego

1º PASSO

Preparo da solução 1 (para + ou - 5 peles):

1 - 0,5 kg de Sulfato de Alumínio

2 - 0,5 kg de Sal Fino

3 - 5 litros de água

Passar a solução 1 no carnal;

Dobrar a pele na linha lombar, com carnal para dentro e deixar em repouso (4 a 8 horas);

Colocar a pele no cavalete e descansar;

Passar novamente a solução 1.

Repousar aproximadamente 4 horas;

Colocar a pele no cavalete e retirar o excesso de água.



2º PASSO

Preparo da solução 2:

1 - 1 kg de sulfato de cromo

2 - 5 litros de água morna;

3 - Passar a solução no carnal. Não deixar pegar na lã;

Dobrar a pele no dorso. Descansar por 5 horas;

Colocar no cavalete e remover o excesso de água;

Estender a pele e passar a Segunda mão de cromo;

Dobrar a pele e deixar em repouso de 12 a 24 horas;

3º PASSO - LAVAGEM E MOLHO

Preparo da solução 3:

1 - Em um recipiente colocar água suficiente para dissolver soda barrilha leve;

2 - Acrescentar um copo médio de barrilha leve (soda utilizada na remoção de tintas em madeira) e mexer a mistura

Preparo da solução 4:

1 - Água quente (quanto quiser) para dissolver sabão em barra ou em pó;

2 - Meio copo de barrilha em pó;

* Em um tonel aquecer água (bem quente), em quantidade suficiente para cobrir a(s) pele(s);

* Mergulhar na água quente a pele dobrada e acrescentar a solução 3;

* Retirar o excesso de água da lã;

* Preparar em outro recipiente a solução 4, despejá-la aos poucos sobre a lã e esfregar com a mão;

* Remover o excesso de água: repetir a operação, tantas vezes quanto necessário, ensaboando e esfregando bem, principalmente nas extremidades;

* Enxaguar com água morna para remover o excesso de sabão;

* Retirar totalmente o sabão com água fria;

* Remover o excesso de água (pendurar o pelego com o carnal para dentro até que a lã esteja seca, cuidando para que o carnal se mantenha úmido;

Nota: Quando a pele estiver seca o remolho consiste na primeira etapa do curtimento. A pele é submergida em água fria por 12 a 24 horas, é descarnada e passa para a primeira

4º PASSO - ENGRAXAMENTO

Preparo da solução 5:

1 - 0,5 litros de óleo "30";

2 - 1,5 litros de óleo diesel;

3 - 0,5 litros de óleo de cozinha;

4 - 1,0 litro de água.

Misturar a farinha na água e despejar no recipiente com os três óleos já misturados. Mexe bem.

* Esticar a pele;

* Passar com a mão a solução 5 no carnal;

* Colocar a pele esticada com o carnal para o sol, para que o óleo penetre bem até secar;

5º PASSO - ACABAMENTO

* Amaciar a pele através da fricção do carnal contra a lâmina de um disco de arado ou de grade ou contra a quina de uma mesa.

O amaciamento deve começar pela região da cabeça, no sentido caudal, com movimentos circulares no sentido horário, repetindo-se a operação no sentido anti-horário;

* Lixar (lixa 220) ou pedra pomes;

* Recortar a pele dando o formato natural e batê-la para remover sujidades;

Instalações para Ovinos

A construção de instalações dependerá do manejo, número de animais e tipo de exploração do rebanho.

Rebanhos menores podem ser manejados nas instalações de bovinos, porém um brete para os ovinos é uma alternativa simples e barata, facilitando muito o manejo.

Quando a exploração ovina constituir-se na principal atividade do estabelecimento, deverá então estar equipada com todas as instalações. Para rebanhos de elite, ou aqueles que recebem manejo mais freqüente, há maior necessidade de instalações adequadas.

LOCALIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES

RELEVO: Deve-se buscar na propriedade um terreno livre de umidade, de fácil acesso e que seja próximo às pastagens e à sede do estabelecimento, no sentido de evitar predadores.

SOLO: Drenado, de preferência sem pedras, bem coberto por vegetação rasteira abundante e com gramíneas estoloníferas.

CLIMA E ORIENTAÇÃO: Em regiões mais frias, com muito vento, torna-se necessária a construção de abrigos, principalmente para ovelhas pré-paridas e cordeiros. Tais abrigos deverão ser construídos na direção norte-sul, de modo que o lado que recebe o vento sul, seja fechado e recebam o sol nas laterais.

MATERIAL: Os materiais podem ser os mais variados, desde a madeira até a alvenaria. Recomenda-se que nas áreas de currais, o piso seja cimentado.

PLANEJAMENTO DAS CONSTRUÇÕES

- Orientação leste-oeste;
- Coberturas: telhas de barro > fibras naturais > telhas de fibrocimento > chapas metálicas;
- Paredes: caiadas de branco, preferencialmente de tijolos de barro;
- Aberturas planejadas - janelas, respiros, clarabóias (evitar vento sul ou encanado);
- Quebra-ventos naturais ou artificiais (eucaliptos, bambuzais, etc.);

ABRIGOS E CABANHAS: São construções utilizadas para a proteção do rebanho contra predadores e roubo, para maternidade ou proporcionar conforto aos animais nas horas mais quentes do dia. Devem ser dimensionados tomando por base 1 m²/cabeça. Os animais deve ficar no abrigo somente a noite, para não reduzir seu tempo de pastejo.

Podem ainda ser substituídos por pequenos bosques preferencialmente cercados de tela.

TRONCO DE MANEJO: É a instalação mais importante, sob o ponto de vista da classificação e seleção de animais. Deve ser feito de madeira unida, sem frestas, de tal modo que o animal só olhe para a frente, não penetrando as extremidades em orifícios, evitando fraturas. O piso de cimento funcionará como pedilúvio. Quanto à largura, deve permitir a passagem de um animal por vez, impedindo-o de se virar ou saltar o tronco de contenção; no manejo, deve sempre ser utilizado o número máximo de animais, de modo a se evitar o ir e vir destes ao longo do tronco.

Dimensões: a) comprimento – 6 a 12 m; b) largura na base – 0,30 cm; c) largura no ápice: 0,50 cm.

PORTEIRAS DE CLASSIFICAÇÃO: São porteiras ou portões de aparte, que ligam o tronco a várias subdivisões do curral, de modo a permitir a separação do rebanho em categorias.

FUNIL OU SERINGA: É um estreitamento gradual do curral de recepção, que conduz ao tronco, com a função de facilitar a entrada dos animais. A parte final da seringa deve ter as laterais fechadas, de modo a evitar acidentes com os animais. Entre o funil ou seringa e o tronco, podemos construir um redondel.

BALANÇA: Para rebanhos de elite e produção de cordeiros é um instrumento essencial para acompanharmos a evolução do ganho de peso dos animais. Pode ser acoplada ao tronco ou ser instalada em lugar à parte, porém sempre considerando a facilitação do manejo, tendo em vista as instalações existentes.

BEBEDOUROS

Nas pastagens, se não houver água natural, poderemos suprir a necessidade dos animais, instalando caixas de fibrocimento/plástico, com sistema de alimentação contínua (bóia), cuidando para mantê-las sempre limpas.

COCHOS PARA SAL MINERAL E CONCENTRADOS

No pasto, os cochos para sal mineral podem ser feitos de madeira ou alvenaria, sempre cobertos. É interessante cimentar ao redor da base do cocho, evitando o desgaste do local.

Nos boxes, podem ser de madeira, plástico ou cerâmica.

MEDIDAS POR CATEGORIAS: A literatura fornece várias medidas, estando as médias relacionadas abaixo:

Currais: 1,0 m²/animal

Categorias: reprodutores: 3,5 a 4,0 m (boxes individuais)

Ovelha adulta: 1,5 a 2,0 m²/animal

Ovelha com cria: 2,0 a 2,5 m²/animal

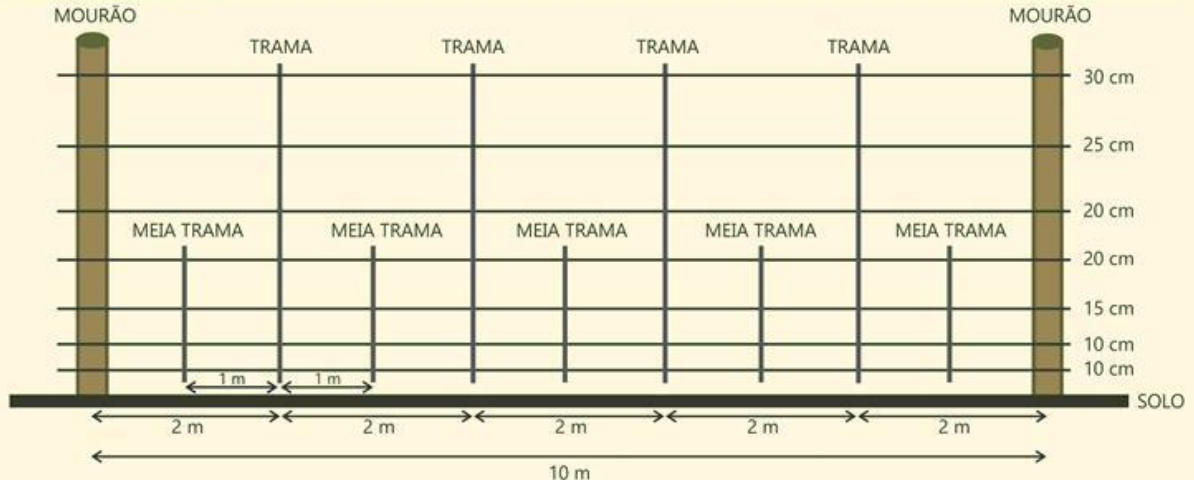
Confinamento: Coberto: 1,5 m²/animal

Descoberto: 5,0 m²/animal

Cerca para Ovinos

Podem ser dos mais variados modelos, conforme ilustração abaixo, utilizando-se de fios de arame liso ou telas, dependendo do tipo de instalação e do material disponível na região. Geralmente utiliza-se fio ovalado, galvanizado, nº 15/17 (1000 m/15 kg) O arame farpado deve ser evitado pois pode machucar o animal e prejudicar a lã e a pele

CERCA COM 7 FIOS - TRAMA E MEIA TRAMA (balancins) – ARAME LISO - 130 cm de altura (atendendo a ovinos, bovinos e eqüinos)



Em locais onde há integração com eqüinos e bovinos, a altura da cerca será dimensionada em função destes, podendo-se construí-las de arame farpado, colocando-se arame liso galvanizado apenas nos vãos inferiores.

Cerca elétrica para ovinos

A eletrificação de cercas pode ser empregada para três funções básicas:

1. Reforço de cercas permanentes que não tem mais condições para contenção de ovinos (2 fios de arame);
2. Divisões semi-permanentes ou temporárias de poteiros, especialmente em pastagens cultivadas (quatro fios para ovelhas e cordeiros com espaçamento de 20cm entre eles, sendo que o fio para a cerca elétrica fica a 20cm do solo, não ligado na eletricidade e aterrado); nos casos 1 e 2 as tramas de madeira têm espaçamento de 10 ou 15 m.;
3. Divisões móveis de poteiros.

É importante frisar o bom dimensionamento do eletrificador levando em consideração a distância a ser eletrificada e também do aterramento do equipamento conforme as instruções do fabricante (cinco mil volts no mínimo para os ovinos).

VANTAGENS:

1. Aumentar a produtividade por unidade de área utilizada com menor custo;
2. Preservação da estrutura física do solo e de mananciais;



Manejo mensal do rebanho

Este planejamento prevê a cobertura do rebanho nos meses de abril e maio. Se a cobertura ocorrer em período diferente, deverá ser ajustado.

JANEIRO

- Dosificar o rebanho com produto eficaz contra o *Haemonchus*;
- Desmamar os cordeiros, caso não tenham sido desmamados na época adequada;
- Manter os carneiros bem alimentados;
- Preparar potreiro com boa disponibilidade de pasto para colocar o rebanho de cria antes do encarneamento;
- Esquilar os cordeiros ainda não esquilados;
- Boa época para selecionar o rebanho.

Pode ser feita uma dobradinha de vermífugos, ou seja, um produto específico para *Haemonchus* e outro de largo espectro numa mesma aplicação.

FEVEREIRO

- Colocar o rebanho de cria em pastagem de boa qualidade para ganhar peso até o encarneamento com o objetivo de aumentar os índices de prenhez e os partos múltiplos;
- Vacinar o rebanho contra clostridioses, com vacina policlostridial, em regiões onde a incidência é alta.
- Manter os carneiros bem alimentados;
- Avaliar a condição corporal das matrizes. Animais com escore abaixo de 2,5 devem ser colocados em campo de boa qualidade ou suplementar com ração.

MARÇO

- Selecionar o rebanho de cria, tirando as ovelhas velhas e de descarte;
- Dosificar o rebanho antes do encarneamento com produto avançado (pode ser feita a dobradinha novamente);
- Separar as borregas das ovelhas para encarnear em separado. Procure utilizar carneiros experientes nas borregas.
- Realizar o Flushing 3 semanas antes de encarnear;

Flushing é uma alternativa para deixarmos o rebanho em boas condições para a cobertura e aumentar a produção de gêmeos.

ABRIL

- Iniciar a Cobertura

- Marcar o peito dos carneiros com tinta amarela por 14 dias, para identificar as ovelhas cobertas neste primeiro período. Ao final, numerar todas as marcadas com o número 1.

- No 15º dia de tinta amarela, trocar a cor dos carneiros para verde. As ovelhas marcadas de verde deverão ser numeradas com o número 2.

- Realizar exame de OPG e coprocultura para controle da verminose;

- Vacinar o rebanho contra o Foot rot;

Se for preciso realizar algum tratamento com vermífugos durante a gestação, é bom procurar orientação técnica, pois alguns produtos não devem ser utilizados no terço inicial da gestação por provocarem abortos ou malformações.

MAIO

- Colocar tinta vermelha nos carneiros por mais 14 dias.

Estas ovelhas formarão o 3º lote de parição e, portanto deverão ser marcadas com o número 3;

- Marcar os carneiros nos próximos 21 dias com tinta preta, para identificar as ovelhas que foram cobertas no final. Normalmente estas são menos férteis do que as outras.

- Ovelhas não marcadas devem estar vazias, ou podem ter sido cobertas acidentalmente antes do período de cobertura.

- Reforço da vacina contra o Foot rot no rebanho.

A utilização de rufiões marcados com tinta preta nos últimos 21 dias de cobertura, no lugar dos carneiros, é uma excelente ferramenta de seleção do rebanho para retirada de fêmeas sub-férteis.

JUNHO

- Revise a condição corporal do rebanho, ovelhas com escore de condição corporal mais baixos, devem ser colocadas em pastagens melhores.

- Pode-se fazer a esquila pré-parto;

- Eliminar as ovelhas marcadas de preto caso tenha utilizado rufião marcado;

- Não descuide do uso de sal mineral;

- Ao final do mês pode ser realizado diagnóstico de gestação por ultrassonografia no rebanho e separar as ovelhas vazias.

Eliminar as ovelhas falhadas do rebanho, liberando as pastagens para as produtivas.

JULHO

- Pode-se iniciar o descole (limpeza do úbere, períneo e cabeça) com o objetivo de preparar o rebanho para a parição;
- Vacinar o rebanho contra clostridioses. Usar vacina policlostridial preferencialmente também contra tétano, em rebanhos que não utilizam regularmente a vacina. (utilizada como reforço vacinal)
- Realizar exame de OPG e coprocultura para controle da verminose;
- Fornecer alimentação pré-parto ao rebanho de cria (pastagem ou concentrado)

Separar as ovelhas marcadas de amarelo (lote 1) pois serão as primeiras a parir. Melhore a alimentação deste lote de ovelhas

AGOSTO

- Neste mês pode-se apartar as ovelhas pela palpação do úbere, caso não se tenha feito a marcação dos carneiros com tinta.
- Seguir fornecendo boa alimentação pré-parto ao rebanho de cria;
- Fazer uma dosificação estratégica antes do início da parição com um produto de largo espectro. Procure orientação para fazer um vermífugo que não provoque aborto;
- Vacinar o rebanho contra clostridioses , com vacina

A boa nutrição do rebanho neste período é fundamental para o nascimento de cordeiros fortes e diminuir a mortalidade Perinatal.

SETEMBRO

- Início do nascimento dos cordeiros.
- Separe o rebanho de acordo com os lotes de parição e revise as ovelhas duas vezes por dia;
- Dosifique o rebanho após a parição de forma estratégica;
- Fazer a identificação dos cordeiros, assinalação, corte da cauda e castração;
- Realizar a apara de cascos do rebanho;
- Vacinar o rebanho com vacina contra o Foot rot;
- Pode-se iniciar a esquila.

Separar o rebanho por lotes de parição é mais eficiente e diminui o serviço.

OUTUBRO

- Terminar a assinalação, corte de cauda e castração;
- Realizar exame de OPG e coprocultura para controle da verminose;
- Fazer o reforço da vacina contra o Foot rot em regiões de alta incidência;
- Fazer a para de cascos dos animais;
- Iniciar a esquila;

Preparar uma pastagem para desmamar os cordeiros a partir dos 60 -75 dias de vida. É uma boa estratégia para melhorar a produtividade do rebanho. Deve ser de boa qualidade e estar livre de ovinos por pelo menos 90 dias

NOVEMBRO

- Vacinar os cordeiros contra enterotoxemia, utilizando uma vacina policlostridial;
- Vacinar contra o ectima contagioso. (Somente nas propriedades que possuem o problema);
- Utilizar um vermífugo tenicida nos cordeiros;
- Esquilar o rebanho.

Sempre fazer vacina de reforço contra clostridioses nos ovinos vacinados pela primeira vez.

DEZEMBRO

- Esquilar os cordeiros;
- Fazer a seleção dos carneiros que serão utilizados no próximo período de monta, eliminando os animais que apresentarem problemas reprodutivos e de aprumos, entre outros;
- É indicado o desmame, desde que os cordeiros tenham uma boa condição corporal e exista boa disponibilidade de alimento;
- Fazer o reforço da vacina contra clostridiose nos cordeiros.

O exame andrológico dos carneiros deve ser feito no mínimo 60 dias antes da próxima cobertura. E deve ser feito todos os anos.

CONTROLE MENSAL

2017

MOVIMENTOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	OBSERVAÇÕES
REBANHO													
NASCIMENTOS													
MORTES													
CONSUMO													
COMPRAS													
VENDAS													
SALDO													

2018

MOVIMENTOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	OBSERVAÇÕES
REBANHO													
NASCIMENTOS													
MORTES													
CONSUMO													
COMPRAS													
VENDAS													
SALDO													

2019



MOVIMENTOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	OBSERVAÇÕES
REBANHO													
NASCIMENTOS													
MORTES													
CONSUMO													
COMPRAS													
VENDAS													
SALDO													

PLANILHAS DE CONTROLE

CALENDÁRIO DE MANEJO

SERVIÇOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	OBSERVAÇÕES
Selecionar o rebanho para encarneirar			●								●	●	Retirar as ovelhas velhas, inférteis e com
Seleção dos carneiros	●											●	Fazer exame andrológico nos carneiros
Flushing			●										Fornecer boa alimentação 20 a 30 dias antes
Encarneamento				●									Melhor época indicada pelos órgãos de
Limpeza pré-parto							●						Limpeza do úbere perineo para facilitar o
Alimentação pré-parto								●					Potreiros com boa alimentação para as
Nascimento dos cordeiros									●				Recorrer o rebanho pela manhã e pela
Assinalação, castração e descole									●	●			Fazer antes do verão para evitar miases
Desmame dos cordeiros	●											●	Desmamar os cordeiros em potreiros com
Aparar cascos			●				●					●	Fazer o acompanhamento da necessidade
Controle da VERMINOSE	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	Dosificações estratégicas - acompanhar
Vacina contra CLOSTRIDIOSES							●					●	Ovelhas: julho
Vacina contra ECTIMA												●	Somente em propriedades onde já ocorreu
Vacina contra FOOT ROT (Pietin)				●					●				Na primeira aplicação fazer reforço 30 dias
Tratamento PIOLHICIDA / SARNICIDA			●										Animais com infestação, fazer dois
Esquila											●	●	Em maio e junho pode ser feita a esquila
Sal mineral	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	Deixar sempre disponível no cocho

As informações contidas neste calendário devem ser ajustadas conforme o manejo da propriedade. Nas propriedades onde o manejo já vem

 Dentro de um mês e meio
  Dentro do mês

CALENDÁRIO DE MANEJO

SERVIÇOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	OBSERVAÇÕES
Selecionar o rebanho para encarneirar													
Seleção dos carneiros													
Flushing													
Encarneiramento													
Limpeza pré-parto													
Alimentação pré-parto													
Nascimento dos cordeiros													
Assinalação, castração e descole													
Desmame dos cordeiros													
Aparar cascos													
Controle da VERMINOSE													
Vacina contra CLOSTRIDIOSES													
Vacina contra ECTIMA													
Vacina contra FOOT ROT (Pietin)													
Tratamento PIOLHICIDA / SARNICIDA													
Esquila													
Sal mineral													

Bibliografias consultadas

1. Ribeiro, Luis Alberto Oliveira. Medicina de Ovinos. Porto Alegre. 198 p. 2011.
2. Sheep Production Handbook. American Sheep Industry Incorporation. 7th edition. Estados Unidos, 2002.
3. Pugh D. G., Clínica de Ovinos e Caprinos. Ed. Roca. 1ª edição. São Paulo, 2005.
4. Pereira Neto, O. A., Práticas em Ovinocultura: ferramentas para o sucesso. SENAR/RS. 1ª edição. Porto Alegre, 2004.
5. Ensminger M. E., Produccion Ovina. Ed. El Ateneo. 4ª edição. Buenos Aires, 1973.
6. Guia Ilustrada para a Produccion de Caprinos y Ovinos. ATTRA ? Servicio Nacional de Agricultura Sostenible. www.attra.ncat.org/attra-pub/PDF/ovinos_ilustrada.pdf
7. Storey's Barn Guide to Sheep. Storey Publishing, LCC. USA, 2006.
8. Otto de Sá, C & Sá, J.L. <http://www.crisa.vet.br/>. CRISA - Desenvolvimento em Pecuária Ovina. 2012.
9. Laboratory Identification of Parasites of Public Health Concern - www.dpd.cdc.gov ? Centers of Disease Control and Prevention. Atlanta, EUA, 2010.
10. Coimbra Fº, A. OVINOCULTURA DE CORTE. Coleção Aprendendo a fazer melhor, nº 5, EMATER/RS . ASCAR. Porto Alegre, 2004.
11. Técnica de La Esquila. Centro Reg. De Ayuda Técnica. Ministério de Agricultura del Perú.
12. Tosquia Australiana no RGS. Secretaria da Agricultura – RS – 31 p. 1972
13. Embrapa Pecuária Sul – Bagé - Comunicados técnicos números: 20/98; 26/99; 27/99; 40/01; 54/06; 56/06; 57/06; 59/06; 60/06; 61/07; 62/07; 63/08; 69/09; 71/09; 77/10; 79/11 e 80/11

Reservado todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica, mecânica ou qualquer meio de reprodução, sem permissão expressa dos autores.



Este guia serve para auxiliar o produtor em seu dia a dia no campo. Com ele, busca-se obter melhores índices de produtividade do rebanho de ovinos.

Use este guia prático como um calendário anual da propriedade.



Mais Ovinos

Programa de Desenvolvimento da
Ovinocultura Gaúcha



Secretaria da Agricultura,
Pecuária e Agronegócio

